

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA**

**MARIA LUIZA DE CASTRO E SOUSA**

**CARDUME COMO UM CARDUME:  
A educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social na  
Unifesp.**

**Santos**

**2018**

**MARIA LUIZA DE CASTRO E SOUSA**

**CARDUME COMO UM CARDUME:**

**A educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social na Unifesp.**

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>. Francisca Rodrigues de Oliveira Pini.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Francisca Rodrigues de Oliveira Pini

**Santos**

**2018**



**MARIA LUIZA DE CASTRO E SOUSA**

**CARDUME COMO UM CARDUME:**

**A educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social**

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>. Francisca Rodrigues de Oliveira Pini.

Aprovação em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**EXAMINADORES:**

\_\_\_\_\_

Prof. Dr<sup>a</sup>. Francisca Rodrigues de Oliveira Pini - Universidade Federal de São Paulo

\_\_\_\_\_

Prof. Dr<sup>a</sup> Raiane Patrícia Severino Assumpção – Universidade Federal de São Paulo

Dedico este trabalho aos meus peixinhos do Cardume, que mesmo sem saber, me abriram o mundo para o que me move, me inspira e me traz a certeza de ter algo verdadeiro para seguir acreditando, sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Éder e Sônia, dois seres, totalmente humanos, a quem por tantas vezes direcionei a culpa e hoje enxergo cada vez mais a resposta da cura. Meus pais que enfrentaram o próprio medo para me manter isenta do sofrimento nos momentos mais frágeis da minha vida, com seus erros e próprias questões, e hoje eu consigo sentir todo o peso do meu mundo que carregaram em suas costas.

Obrigada por me proporcionarem voar o mais longe sempre, mesmo que isso signifique a distância de vocês;

Ao meu porto seguro, meus irmãos, Pedro, João e Lígia, meus melhores amigos, por serem os únicos nesse mundo a saberem de onde eu vim e por serem os que estarão aqui sempre;

A Thales, o cara mais legal que já apareceu no meu mundo, por todas as vivências desses quase dois anos que nem exigem enumerações aqui... um lugar leve e seguro que me escolhe todos os dias para somar e dividir as dores e sabores do viver, e que sabe, mais do que ninguém, o quanto escrever esse agradecimento – e esse trabalho inteiro – é algo forte e libertador de se viver;

A minha doce Helena, que ainda não entende, mas encheu meu coração de amor quando chegou a este mundo;

A querida professora Francisca, por me abraçar com toda doçura e sem medir esforços para me nortear nesse processo mesmo com todas as adversidades enfrentadas, demonstrando sempre acolhimento, comprometimento e respeito, sendo para mim uma referência especial de como as relações no âmbito universitário podem ser criadas;

Ao meu tripé, Bi, Iza e Nath, por compartilharem dos momentos mais profundos nesses anos santistas;

Ao Cardume como um todo, por ter sido o espaço em que logo no primeiro suspiro eu senti que havia encontrado meu propósito de vida, foi como instantaneamente me conectar à minha essência. Obrigada, Cardume, enquanto educadores e educandos, por ser e construir tanto na vida de tantos, em especial na minha;

E enfim, a vida, Deus e toda essa energia constante que me permite cair, me reerguer e sempre tirar o melhor disso. Viver tem sido uma (in)constantancia cheia de aprendizados, amadurecimento e partilha. A felicidade é o caminho, não a chegada, entender isso dia após dia, tem me possibilitado ir além. Isso é o sentimento de gratidão.

“se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”

Paulo Freire

## RESUMO

A possibilidade de ocupar um espaço dentro da universidade de forma educativa para pessoas que nunca o tiveram, traz consigo uma nova perspectiva de vida a quem lida com dificuldades de acesso a uma educação de qualidade e compreensão sobre suas possibilidades de inserção na vida acadêmica; isso se dá por um contexto de vulnerabilidade social, inviabilizando a esses estudantes o acesso a uma educação transformadora, de autonomia dos sujeitos participantes, por falta de acesso a instituições de ensino de qualidade; e passam a tê-las ao adentrar ao que chamamos de “cursinhos comunitários”, como o cursinho Cardume, fundado na Universidade Federal de São Paulo no Campus Baixada Santista. Assim, este trabalho apresenta o contexto em que se encontra o cursinho Cardume na relação dos educandos, suas perspectivas e vivências; da UNIFESP *Campus Baixada Santista* enquanto instituição possibilitadora da concretização do cursinho; e da graduação - de forma mais específica o curso de Serviço Social – pensando a forma como se apresenta ao cursinho e as potencialidades que possuem de se desenvolver, em uma perspectiva pedagógica, na extensão e pesquisa. Através de abordagens metodológicas aplicadas aos educandos ativos da turma 2018, este trabalho visa a refletir como o Cardume contribui com o debate político-pedagógico sobre educação e como os sujeitos apreendem esse processo, entendendo como a política de educação brasileira assegura o acesso a esse direito; pontuando ainda como se articulam a relação dos conteúdos obrigatórios do cursinho e o cotidiano desses jovens e refletir as potencialidades de contribuição do Serviço Social da Unifesp no cursinho Cardume.

Palavras-chave: Educação Popular. Cursinho popular. Serviço Social.



## **ABSTRACT**

The possibility of occupying a space within the university in an educational way for people who have never had it, comes along with new life perspectives for those who deal with difficult access to a good quality education and with an understanding of their possibilities of insertion in an academic environment; this is due to a context of social vulnerability, that makes the access to a transforming education for this students not viable, due to a lack of access to quality educational institutions; they could have them once they come to the so called “Community courses”, such as Cardume, established at Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Campus Baixada Santista. In this regard, this paper presents the role of Cardume in the relation of students, their perspectives and experiences; of UNIFESP as an institution that facilitates the realization of the course; and graduation – more precisely the Social Work course - thinking about how it presents itself to Cardume and the potentialities that they have to develop, in a pedagogical perspective, in extension and research. Through methodological approaches applied to the active students of 2018 class, this work aims to understand how Cardume contributes to the political-pedagogical debate about education and how the subjects apprehend this process, understanding how Brazilian education policy ensures access to this right; as well as articulating the relationship between the compulsory contents of Cardume and the daily life of these young people and reflect the potential contributions of the Unifesp Social Work in Cardume.

Key words: Popular education. Popular preparatory course. Social Work.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**BNCC:** Base Nacional Curricular

**CNE:** Conselho Nacional de Educação

**EdDH:** Educação em Direitos Humanos

**ENEM:** Exame Nacional do Ensino Médio

**ETEC:** Escola Técnica Estadual

**FIES:** Fundo de Financiamento Estudantil

**INEP:** Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa

**LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**MEC:** Ministério da Educação

**ONU:** Organização das Nações Unidas

**PCNs:** Parâmetro Curriculares Nacionais

**PROUNI:** Programa Universidade para Todos

**SISU:** Sistema de Seleção Unificado

**SISUTEC:** Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica

**UNIFESP:** Universidade Federal de São Paulo

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
Capítulo I – A trajetória da política pública de educação no Brasil.....	6
1.1. História da educação brasileira pós 1988 .....	6
1.2. Conhecendo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.....	15
Capítulo II – Cardume: potencialidades e experiências .....	21
2.1. Um espaço libertador: a proposta do projeto Cardume.....	21
2.2. O Serviço Social no Cardume .....	25
Capítulo III – Possibilidades de diálogo entre o Cardume e o Curso de Serviço Social da Unifesp .....	29
3.1. Problemática dos dados coletados.....	29
3.2. Contribuição do Serviço Social na Unifesp .....	43
Considerações finais .....	45
Referências Bibliográficas .....	47
Anexos .....	48

## INTRODUÇÃO

O mundo universitário nos permite imergir em vivências únicas, novas e transformadoras, e foi exatamente nesse contexto que descobri em mim o entusiasmo por estudar a educação, e através dela, o fascínio pelos processos da educação popular. Passei os três primeiros anos da faculdade sem muitas perspectivas de qual área de atuação do Serviço Social eu gostaria de me inserir. Vivenciei diversas experiências em alguns campos de atuação em que poderia escolher trabalhar, mas todas sem grandes emoções experimentadas. Até que no início do ano de 2017, resolvi mergulhar em uma nova experiência que sempre me chamou um pouco a atenção, estar em sala de aula. Candidatei-me para o processo de novos educadores do Cardume sem saber muito bem no que eu estava embarcando; escolhi dar aulas de redação por ser um conteúdo de muita facilidade e interesse que tenho. Entrei em uma das duas turmas que estavam ingressando e me encontrei naquele espaço, literalmente. A convivência com jovens, as possibilidades de troca e o espaço em que se criam vínculos para além do aprendizado eram tudo o que eu ainda não sabia que me interessaria tanto. Acredito muito na educação inserida no processo de horizontalidade nas relações; no aprender mútuo através do espaço de fala para todos e entendo que a aprendizagem vem de encontro com o se reconhecer naquilo que se estuda, nenhum saber deve ser desconsiderado. Passei a estudar mais as metodologias de educação desenvolvidas pelo educador Paulo Freire e, a partir daí, entender as relações que o autor faz sobre a educação ser um espaço de troca e aprendizagem mútua, pois, como nos disse o autor (1987): "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes" (p.68).

A educação popular está intimamente ligada aos movimentos sociais de busca por uma transformação social através de uma intervenção nos processos políticos e sociais pela educação. A característica fundamental da educação popular está no seu caráter político, pois visa realizar as mudanças com a participação ativa da população, elevando os indivíduos a atores sociais.

Na Educação Popular, as pessoas que chegam para aprender ou aperfeiçoar uma técnica acabam aprendendo a ler, critica e criativamente, o seu próprio

mundo e sua própria vida. Elas aprendem ainda a compreender que devem saltar da mera informação que capacita e instrumentaliza em direção ao conhecimento. A um conhecimento que acrescenta à mera informação o dado essencial da reflexão sobre o que se aprendeu a conhecer. E, mais além, elas devem ser convocadas a saltarem do conhecimento ao saber. Isto é, daquilo que se aprende a conhecer, como uma “posse” individual, ao saber solidário que flui com e entre todos. (LIMA, et al., 2011 p. 53).

Nessa perspectiva, a educação popular age como transformadora da realidade de vida dos sujeitos, possibilitando-os vivenciar uma educação libertadora das opressões impostas pela vida social, e permitindo um desenvolvimento crítico de si e do mundo.

“A educação forma a personalidade do indivíduo médio e o prepara para viver a cultura: é pela educação que a gênese da cultura se opera no indivíduo. Pode-se descrever a cultura mostrando como o indivíduo a assimila e como nele se constitui, à medida que ele a vai assimilando. Isto porque a educação é, ao mesmo tempo, uma instituição que o indivíduo encontra e o meio que ele tem para encontrar todas as instituições. (Mikel Dufrenne, *La Personnalité de Base*).” (BRANDÃO, 1984; p 12)

Com meu entusiasmo no ambiente da educação popular, me inseri também no cursinho comunitário AtuaMente, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), no campus de Santos; como educadora de Sociologia. Através das minhas próprias experiências vividas ao longo desses últimos 18 meses, observei algumas possibilidades de atuação do Serviço Social no papel de promover um suporte dentro de cursinhos como esses, entendendo a educação como campo de ampla possibilidade de ação do profissional do Serviço Social, enquanto agente possibilitador de uma transformação da realidade social dentro de espaços educacionais, desenvolvendo estratégias de promoção dos sujeitos inseridos em tal espaço. Surgiu dessa lacuna a minha vontade de desenvolver esse projeto.

Assim sendo, deve-se prezar por um ambiente educacional que priorize a formação dos sujeitos para a cidadania, orientando-os acerca dos seus direitos e deveres; instruindo-os e educando-os para que haja a superação da desigualdade e exclusão sociais; e estimulando-os a tornarem-se sujeitos autônomos. Diante disso, considera-se que a escola se constitui um dos espaços de intervenção do Assistente Social, já que este profissional é habilitado para atuar no enfrentamento das mazelas sociais através do acompanhamento social das famílias, do fortalecimento dos vínculos das mesmas e do desenvolvimento de suas potencialidades a fim de alcançarem a emancipação social (FALEIROS, 2010).

Entendendo que a educação exerce o papel de formação dos indivíduos enquanto cidadãos capazes de se desenvolver na vida em sociedade; a educação é um direito que deve ser garantido e executado. Nesse contexto de inserção dos indivíduos à educação, e compreendendo que tal deve oferecer ferramentas para que os sujeitos desenvolvam o saber, a criticidade e a promoção da vida em sociedade, é que entra a atuação do profissional do Serviço Social, que deve garantir acesso a tais direitos e possibilitar aos indivíduos a busca por justiça social.

A inserção do profissional de Serviço Social nesse campo de atuação nos impõe, portanto, uma tarefa/desafio, que é o de construir uma intervenção qualificada enquanto profissional da educação, que tem como um dos Princípios Fundamentais de seu Código de Ética Profissional o “posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática.” O que significa que precisamos empreender uma construção coletiva (enquanto categoria profissional), que será caracterizada por caminhos e experiências diferenciadas, mas com o mesmo propósito. (NOVAIS et al., 2001, p7)

Assim, este trabalho apresenta o contexto em que se encontra o cursinho Cardume na relação dos educandos, suas perspectivas e vivências; da UNIFESP campus Baixada Santista enquanto instituição possibilitadora da concretização do cursinho; e da graduação – de forma mais específica o curso de Serviço Social – pensando a forma como se apresenta ao cursinho e as potencialidades que possuem de se desenvolver, em uma perspectiva pedagógica, na extensão e pesquisa.

Entendendo que a educação em si já é um campo importante de atuação profissional, e pensando ainda no Cardume como espaço de resistência e luta por uma educação libertadora, e ainda presente dentro do espaço da Universidade, fazendo com que seja fundamental que se desenvolva um suporte que fortaleça a permanência desse espaço politizado dentro de uma universidade federal que discute, desenvolve e luta constantemente pelos direitos sociais e políticos. Este trabalho visa refletir como o Cardume contribui com o debate político pedagógico sobre educação e como os sujeitos apreendem esse processo, entendendo como a política de educação brasileira assegura o acesso a esse direito; pontuando ainda como se articulam a relação dos conteúdos obrigatórios do cursinho e o cotidiano desses jovens e refletir as potencialidades de contribuição do Serviço Social da UNIFESP no cursinho Cardume.

Esta pesquisa está estruturada em três partes neste trabalho; o primeiro capítulo traz uma retrospectiva das políticas públicas de educação após a constituinte de 1988, apresentando cronologicamente os desdobramentos que pautaram o desenvolvimento das políticas de educação, ressaltando o processo de redemocratização. Com um enfoque na Base Nacional Curricular atual, que estrutura o atual ensino.

O segundo capítulo apresenta o projeto Cardume, como surgiu e como se dá o funcionamento, bem como as potencialidades que o cursinho oferece aos cursos de graduação de desenvolverem projetos de pesquisa e extensão dentro desse espaço que se faz presente dentro da universidade.

O terceiro capítulo encerra este trabalho apresentando de forma clara os dados coletados pela pesquisa, bem como uma reflexão econômica, territorial e social acerca dos dados coletados. E apresenta ao curso de Serviço Social da UNIFESP as potencialidades do desenvolvimento pedagógico de forma prática da formação profissional dos estudantes de graduação.

Por fim, as considerações finais dessa pesquisa expõem a importância da construção de um trabalho coletivo do cursinho Cardume com o curso de Serviço Social da UNIFESP em prol de um empoderamento dos sujeitos pertencentes ao cursinho, bem como ao desenvolvimento prático do exercício profissional dos estudantes de graduação do curso.

A ideia do nome que encabeça este trabalho, “Cardume como um cardume”, surgiu de um estudante do cursinho, durante uma aula em que planejávamos um círculo de cultura<sup>1</sup> a fim de permitir aos estudantes um espaço para além da sala de aula em que pudessem compartilhar seus contextos de vida e estreitar vínculos ainda pouco criados no começo do curso. A justificativa do estudante para a escolha do nome foi o fato de carregarmos o nome de um cardume, que significa o caminhar coletivo de um grupo de peixes, mas que não estávamos agindo dessa maneira, assim, Cardume como um cardume seria a proposta de nos reconectarmos enquanto sujeitos coletivos, a partilha, o caminhar comum.

---

<sup>1</sup> Círculo de Cultura: “literalmente círculo, roda de conversa. Só isso em si já é uma afronta ao modo de educação bancária, onde se imagina que o professor deposita o saber no “aluno”. Os círculos possibilitam uma horizontalidade, olhar-se, considerar a história vivida de cada um, os seus valores, etc.” (trecho retirado do texto do PET Educação Popular da UNIFESP - O que é Educação Popular? De Brenda Barbosa).



## **Capítulo I – A trajetória da Política Pública De Educação No Brasil**

O primeiro capítulo deste trabalho traz um breve panorama da história da educação no Brasil nos últimos anos, pontuando, principalmente, as políticas públicas de educação que serviram de norte ao cenário que hoje vivenciamos. Esse histórico perpassa o campo das lutas sociais e políticas pela busca da garantia de direitos sociais essenciais para o desenvolvimento societário.

O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1979. p.27)

### **1.1. História da educação brasileira pós 1988**

O processo de construção da educação como hoje a conhecemos percorreu um caminho pautado por resistência e luta pela garantia da educação pública. O período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985), que durou vinte e um anos, apresentou grande fragilidade no aspecto de desenvolvimento educacional, trazendo uma perspectiva autoritária e controladora, características essas que vão na contramão do que se acredita ser educação em um contexto de sociedade democrática.

A política educacional do regime militar abrangeu, ao longo dos seus vinte e um anos de duração, todos os níveis de ensino, alterando a sua fisionomia e provocando mudanças, algumas das quais visivelmente presentes no panorama atual. Pautado pela repressão, o Estado editou políticas e práticas que, em linhas gerais, redundaram no tecnicismo; na expansão quantitativa da escola pública de 1º e 2º graus às custas do rebaixamento da sua qualidade; no cerceamento e controle das atividades acadêmicas no interior das universidades; e na expansão da iniciativa privada no ensino superior (FERREIRA JÚNIOR e BITTAR, 2006, p. 4, apud CAVALCANTE et al., 2015, p. 4).

Com o fim da ditadura militar no Brasil, no ano de 1985, o país restabeleceu abertura para o Estado democrático em que, mesmo com rumos ainda indefinidos, a movimentação desse processo de reestruturação da educação também passa a caminhar. Essa transição da ditadura à Nova República reestabeleceu um espírito de esperança sobre a população brasileira.

A conquista da liberdade de organização partidária, entre tantas outras ações no campo trabalhista, político e social, configurou um “clima” por maior participação e democratização das várias esferas da sociedade brasileira, incluindo-se a organização do próprio Estado (ADRIÃO e CAMARGO, 2007, p. 63, apud CAVALCANTE et al., 2015, p. 4).

O primeiro movimento feito foi o documento intitulado “Educação para todos: caminhos para mudança” e a instituição do Dia D da Educação, ainda em 1985. Nesse processo, a educação deixa de obter em si um caráter unicamente pedagógico e passa a carregar um caráter também político.

O ano de 1988 foi um importante marco do processo de redemocratização com a implementação de uma nova constituinte, a Constituição Federal de 1988, que marca um novo período da política brasileira, a Carta Constitucional trouxe a educação sob perspectiva política e de interesse público, e inseriu a educação como um direito social - que deve ser garantido a todo cidadão - previsto no artigo 6º<sup>2</sup>, e apresentará um extenso capítulo sobre educação<sup>3</sup>, que traz dez artigos específicos, do art. 205 a 214; e quatro artigos do texto constitucional (Art. 22, XXIV; 23, V; 30, VI e Art. 60 e 61 das Disposições Transitórias). Segundo Piana (2009), as responsabilidades do

---

<sup>2</sup> Artigo 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010).

<sup>3</sup> Sobre a educação na Constituição Federal de 1988, encontra-se no capítulo III, seção I. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>

Poder Público e da sociedade em geral para com a educação se ampliam nesse período, a partir das novas demandas do mundo moderno e globalizado, em atendimento ao ideário neoliberal.

a incorporação de sujeitos historicamente excluídos do direito à educação, expressa no princípio da "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola" (art. 206, I). Outras conquistas asseguradas são: a educação como direito público subjetivo (art. 208, § 1º), o princípio da gestão democrática do ensino público (art. 206, VI), o dever do Estado em prover creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade (art. 208, IV), a oferta de ensino noturno regular (art. 208, VI), o ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive aos que a ele não tiveram acesso em idade própria (art. 208, I), o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências (art. 208, III) (VIEIRA, 2007, p. 14, apud, CAVALCANTE et al., 2015, p. 4).

Apesar dos poucos avanços no texto promulgado, reconhecidos pelos educadores, Piana (2009, p.74) ressalta que alguns direitos defendidos pela categoria foram conquistados, tais como:

[...] a consagração da educação como direito público subjetivo (Art. 208 § 1º); o princípio da gestão democrática do ensino público (Art. 206, VI); o dever do Estado em prover creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade (Art. 208,IV); a oferta de ensino noturno regular (Art. 208,VI); o ensino fundamental obrigatório e gratuito inclusive para os que a ele não tiveram acesso em idade própria (Art. 208,I); o atendimento educacional especializado aos portadores de necessidades especiais (Art. 208,III).

De qualquer forma, antes mesmo da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988, os debates acerca da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)<sup>4</sup> por parte das organizações de educadores se inicia. E, segundo

---

<sup>4</sup>

A partir daqui, seguiremos utilizando a sigla LDB em referência à Lei de Diretrizes e Bases da educação.

Piana (2009), apesar de toda esta movimentação por parte dos educadores, o deputado Octávio Elísio é quem dá entrada na Câmara dos Deputados do primeiro projeto de LDB, conhecido como Projeto nº 1258/88, de sua autoria. A partir de então, as políticas públicas<sup>5</sup> vão tomando formas e ganhando avanços, mesmo que em passos lentos, já que a política educacional não é posta como prioridade em todas as gestões que sucedem a ditadura, propondo muitas vezes cortes e não propiciando a devida atenção à educação pública.

Apesar disso, na gestão Collor é criado o Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania, e posteriormente, na gestão de Itamar Franco, é proposto o Plano Decenal de educação para todos, em 1993; além disso, em 1994, é realizada uma Conferência Nacional de educação para todos. Ainda Itamar propõe universalizar com qualidade, defende a pedagogia da atenção integral, o desenvolvimento da educação tecnológica, a extensão da escolaridade no 2º grau e a qualidade para a graduação, bem como a consolidação da pós-graduação, como prevenção contra os riscos da modernidade. (Vieira & Farias, 2011, apud, ALVES & COBRA, 2013, p. 145).

Fernando Henrique Cardoso (FHC) assume a presidência em 1995; em sua proposta de governo, sua gestão busca romper com algumas práticas, mas apresenta propostas e revela seu projeto inicial para educação no documento intitulado “Mãos à Obra, Brasil”<sup>6</sup> de 1994; várias medidas são deflagradas no executivo e no legislativo, importantes instrumentos de reforma educacional são aprovados, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394, que ficou conhecida como Lei Darcy Ribeiro, senador responsável pelo projeto, promulgada em 20 de dezembro de 1996 e a Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996, que dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização

---

<sup>5</sup> Política Social (Pública) : linha de ação coletiva que concretiza direitos sociais declarados e garantidos em Lei. É mediante as políticas públicas que são distribuídos ou redistribuídos bens e serviços sociais, em resposta às demandas da sociedade. Por isso, o direito que as fundamenta é um direito coletivo e não individual. Embora as políticas públicas sejam de competência do Estado, não representam decisões autoritárias do governo para a sociedade, mas envolvem relações de reciprocidade e antagonismo entre essas duas esferas (Pereira, 1996, p.130 apud Raichelis, 2000 p.59).

<sup>6</sup> Proposta de governo de Fernando Henrique Cardoso, 1994. Disponível em: <  
<https://static.scielo.org/scielobooks/b27wf/pdf/cardoso-9788599662663.pdf>>

do Magistério - FUNDEF. (VIEIRA e FARIAS, 2007, apud Cavalcante et al., 2015, p. 5).

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira de 1996 é a primeira lei geral da educação promulgada desde 1961 e tem ampla repercussão sobre o sistema escolar. O governo assume a definição da política educacional como tarefa de sua competência, descentralizando sua execução para Estado e municípios. O controle do sistema escolar passa a ser exercido por meio de uma política de avaliação para todos os níveis de ensino. (PIANA, 2009, p. 67)

É perceptível e, portanto, inegável, que a educação nacional teve notório avanço durante o governo FHC, pois vários programas e projetos na área educacional foram implantados, como mostra Vieira e Farias (2007):

O controle do sistema escolar passa a ser feito por meio de uma política de avaliação para todos os níveis de ensino: o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é ampliado e cria-se o Exame Nacional de Cursos (Provão) e, a partir de 1998, temos o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Também são propostos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Alguns programas federais são ampliados: o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). São criados: o Programa Dinheiro Direto na Escola, o Programa TV Escola, o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) e o Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO).

A reforma da educação básica ocorreu nesse mesmo período, as principais mudanças foram, segundo Cavalcante (et al., 2015), o reconhecimento da educação como direito das crianças pequenas, ou seja, a educação infantil passou a integrar a educação básica. Além disso, a separação formal entre o ensino médio e técnico, também foi um marco.

A década de 1990, foi marcada no campo educacional, pelo movimento de reforma e melhoria da qualidade educacional, contexto no qual, suscitou “um ambiente propício à mudança ou mesmo à inovação que, em muitos casos, representou a negação de valores, culturas e tradições constituintes do ambiente escolar e do ofício docente” (OLIVEIRA, 2011, p. 11). Tal cenário impulsionou mudanças nas políticas da educação, resultando em alterações nas legislações educacionais como a aprovação da Lei nº 9.394 que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), o Plano Decenal de Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Diante de todo o exposto, percebemos que as políticas educacionais foram marcadas por profundas transformações históricas, que sofreram influências neoliberais a fim de garantir a sustentabilidade e continuidade dos interesses do capital. Desse modo, a educação virou uma mercadoria, com o intuito de garantir e fornecer mão de obra para o mercado e consequentemente corroborando com o processo de mercantilização da educação. (CAVALCANTE et al., 2015, p. 8)

Entre os anos de 1997 e 2000, segundo estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para os Ensinos Fundamental e Médio. Somente mais tarde, por meio do Programa Currículo em Movimento, incluiu-se uma proposta para o desenvolvimento de uma grade também para a Educação Infantil. Na entrada aos anos 2000, os movimentos em prol de um desenvolvimento das ações na educação seguem surgindo, como foi o caso da Conferência de Educação para Todos, que ocorreu em Dakar e reuniu 164 países em uma ação que propôs seis metas a serem atingidas até 2015. As metas “relacionadas ao cuidado e à Educação Infantil; ao Ensino Fundamental universal; ao desenvolvimento de habilidades de jovens e adultos; à alfabetização de adultos; à paridade e à igualdade de gênero; e à qualidade da educação” (BRASIL/MEC, 2014, p. 7 apud CAVALCANTE et al., 2015, p. 8). Porém, a UNESCO divulgou um relatório que constatou que o Brasil não alcançou as seis metas propostas, apenas duas. O único país latino-americano que alcançou todas as metas propostas foi Cuba.

Simultaneamente a esses processos da política pública de educação que ocorrem pós regime militar, também acontecem as discussões acerca da implementação da Educação em Direitos Humanos (EdDH)<sup>7</sup>. Essa é uma pauta recente, a partir da segunda metade da década de 1980 que começaram as discussões acerca do tema; houve posteriormente discussões em prol de uma educação mais libertadora, mas foi nesse processo de luta pela redemocratização do Brasil, de busca pela construção de um novo estado de direito, que a pauta entrou em ebulição. Segundo SIVIERO et al (2016, p. 44):

---

<sup>7</sup> A partir daqui será utilizada a sigla EdDH para se referir a Educação em Direitos Humanos.

Na década de 1980 organizaram-se vários movimentos sociais e organizações não-governamentais (ONGs), cuja atuação estava centrada na formação de lideranças para a promoção dos direitos humanos (DH). Tendo na educação popular uma de suas atuações centrais. [...] Em 1995 é construída a Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, visando ser uma ampliação do espaço de articulação e discussão do tema. [...] Em 1996, a nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, seguindo-se a ela, os Parâmetros Curriculares Nacionais, introduziu novos temas para o universo da formação dos estudantes, mais voltados à cidadania, possibilitando, deste modo, a abordagem dos DH como tema transversal.

O autor ainda relembra que na década de 90 sentiu-se uma necessidade de definição mais explícita dos princípios, objetivos e métodos buscados com a implementação da EdDH, surgindo, assim, a proposta da criação de um documento em prol de sua implementação no Brasil e no mundo.

Em 1999, o Instituto Interamericano de Direitos Humanos (IIDH), da Costa Rica, realizou pesquisa visando fazer um balanço crítico da EdDH nos anos 1990 na América Latina, resultando num documento fundamental para muitas discussões posteriores, tendo como ideia-base: a formação do sujeito de direitos e suas contribuições no empoderamento, como capacidade de exercer a cidadania e desencadear processos de transformação necessários para a contribuição de sociedades verdadeiramente democráticas e humanas. (SILVIERO et al., 2016, p. 44 - 45)

No Brasil e no mundo houve estratégias para desenvolver de forma prática tais ações; em um âmbito mundial, destaca-se o Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos que se propôs, entre 2005 – 2014, a ampliar estratégias e programas nacionais de EdDH, com planejamento de atender demandas do ensino primário e secundário (1ª fase de 2005 – 2009) e superior (2ª fase de 2010 – 2014). Especificamente no caso brasileiro, o autor destaca que:

[...] a instituição da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (2002), responsável pela criação do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (2003) com a tarefa de elaborar um Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH). [...] O PNEDH

configura a intencionalidade explícita de transformar a EdDH numa política pública, visto que o Plano apresenta diretrizes e ações para cinco eixos: Educação Básica, Educação Superior, Educação Não Formal, Educação dos Profissionais do Sistema de Justiça e Segurança Pública e Educação e Mídia.

Mesmo com todos esses avanços alcançados sobre o tema, ainda se encontra resistência na abordagem dessa temática nos sistemas de ensino, por isso, em 2012, o governo federal brasileiro, através do Conselho Nacional de Educação, publicou as Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos. Silviero (et al., 2016, p. 45) destaca que “as Diretrizes visam assegurar o direito à educação de todos (as) e devem ser observadas por todos os sistemas de ensino e suas instituições (art. 1º), com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social (art. 3º).” Nesse aspecto, é necessário pontuar o papel de relevância que a prática educativa popular tem frente às situações de desumanização, pois sua tarefa é de problematizar as formas de exclusão e violação da dignidade humana. Tendo os pontos acima explicitados, é importante ressaltar que as práticas educacionais no Brasil contemporâneo trazem em si marcas neoliberais, como destaca a autora Piana (2009, p. 67):

O processo de transição do autoritarismo para a democracia é um período pautado por forças sociais presentes no cenário político da transição democrática brasileira, como as propostas educacionais no âmbito do Estado, as propostas educacionais no âmbito da sociedade civil, a Constituição de 1988 e a eleição direta para a Presidência da República em 1989. Nesse sentido, evidenciam-se as tendências vigentes nesse período, identificando o projeto hegemônico de política educacional do Brasil contemporâneo, representado pelos ideários neoliberais, o que assinala sua maturidade por meio da privatização do sistema, especificamente para o ensino de terceiro grau.

Pois, sabe-se que o ideário neoliberal reflete as marcas de uma sociedade capitalista de desigualdades econômicas, sociais e, concomitantemente, políticas, resultando, assim, na necessidade da implementação de políticas públicas que visem suprir minimamente tais discrepâncias sociais.



Nesse sentido, de um modo geral, as políticas sociais brasileiras estão diretamente relacionadas às condições vivenciadas pelo País em nível econômico, político e social. A inserção passiva e dependente do mundo globalizado faz que o Brasil assuma as determinações ditadas pelo grande capital e pelas nações hegemônicas, principalmente os Estados Unidos. Em geral, reconhece-se que a existência de políticas sociais é um fenômeno associado à constituição da sociedade burguesa, ou seja, do específico modo capitalista de produzir e reproduzir-se. No Brasil, as políticas sociais públicas sempre foram sinônimo de assistência, filantropia ou benesse. O Estado intervém nas questões sociais por meio de medidas parcelares, com o objetivo em primeiro lugar, de manter a ordem social. (PIANA, 2009, p. 72)

De acordo com Faleiros (1991, p.8) citado por Piana (2009, p.22):

As políticas sociais no Brasil estão relacionadas diretamente às condições vivenciadas pelo País em níveis econômico, político e social. São vistas como mecanismos de manutenção da força de trabalho, em alguns momentos, em outros como conquistas dos trabalhadores, ou como doação das elites dominantes, e ainda como instrumento de garantia do aumento da riqueza ou dos direitos do cidadão.

Por fim, deve-se ressaltar como os processos de transformação e renovação das políticas educacionais estão sempre ligados ao contexto político-econômico do país, respondendo sempre aos interesses burgueses, resultado esse de uma sociedade pautada em preceitos capitalistas que visam defender o interesse maior de tal. Relação essa responsável pela manutenção das desigualdades sociais expressas em nossa sociedade.

É importante considerar que as reformas educacionais no Brasil ocorreram mediante as crises nacionais e internacionais do sistema capitalista. Com isso a educação, em muitos momentos, foi relegada a segundo plano pelos dirigentes políticos. Difícilmente se pensou em democratizar o ensino, torná-lo acessível à classe menos favorecida economicamente e, sobretudo, priorizar a qualidade do mesmo, por questão ideológica, visto que a educação sempre esteve a serviço de um modelo econômico de natureza concentradora de rendas e socialmente excludente. (PIANA, 2009, p. 67)

As reformas da educação que caracterizam processos de desmonte de tal explicitam que o Estado está constantemente defendendo os interesses do capital, sendo assim, o investimento e consequente desenvolvimento da educação de qualidade, não é uma prioridade do capital que, pelo contrário, busca formar sujeitos alienados criticamente e preparados no ensino técnico para uma colocação profissional como trabalhador subordinado à ele. Mantendo assim, a estrutura capitalista que hoje conhecemos no Brasil, de uma maioria da população que trabalha a serviço das classes dominantes que controlam e detém o poder econômico no país.

## **1.2. Conhecendo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>8</sup> é um documento que visa nortear o ensino escolar nas escolas brasileiras, englobando desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio; buscando referenciar os objetivos de aprendizagem em todas as etapas de formação escolar. A nova BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental foi aprovada e homologada em dezembro de 2017. Enquanto o documento para o Ensino Médio foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação (CNE) em abril de 2018 e está atualmente em fase de discussão (BNCC, 2018). Com ela, redes de ensino e instituições escolares, tanto públicas quanto privadas, passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas. Essa referência é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da Educação Básica, enquanto os currículos traçam o caminho até lá.

A BNCC não visa ser um currículo, mas uma ferramenta que orienta a elaboração do currículo específico de cada escola, sem desconsiderar as particularidades metodológicas, sociais e regionais de cada uma. Sendo assim, uma referência importante para que as escolas elaborem os seus currículos, que devem estar sintonizados com a nova BNCC, e cumprindo as diretrizes gerais que consagram as etapas de aprendizagem que devem ser seguidas por todas as escolas. Segundo o documento (2018, p.7) “é um documento de caráter normativo que define o conjunto

---

<sup>8</sup>

Na sequência do texto seguiremos utilizando a sigla BNCC para referir-se a Base Nacional Comum Curricular.

orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”.

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup>, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)<sup>9</sup>

A BNCC se apresenta enquanto um documento plural e contemporâneo; responsável pela implantação de uma política educacional articulada e integrada. Assim, tem recebido amplo destaque no âmbito da educação por se tratar do documento que mais recebeu sugestões e contribuições da sociedade civil na história do país, expondo, assim, sua relevância para os parâmetros educacionais. Como destaca o ex-ministro da educação, Mendonça Filho (BNCC, 2018, p.5), na apresentação da versão oficial do documento em 2018:

Prevista na Constituição de 1988, na LDB de 1996 e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, a BNCC foi preparada por especialistas de cada área do conhecimento, com a valiosa participação crítica e propositiva de profissionais de ensino e da sociedade civil. Em abril de 2017, considerando as versões anteriores do documento, o Ministério da Educação (MEC) concluiu a sistematização e encaminhou a terceira e última versão ao Conselho Nacional de Educação (CNE). A BNCC pôde então receber novas sugestões para seu aprimoramento, por meio das audiências públicas realizadas nas cinco regiões do País, com participação ampla da sociedade. (BNCC, 2018, p.5)

---

<sup>9</sup> BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192)>.

Para isso, o MEC se propõe a ser parceiro permanente dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, trabalhando em conjunto para garantir que as mudanças cheguem às salas de aula; acreditando que as instituições escolares, as redes de ensino e os professores serão os grandes protagonistas dessa transformação.

Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental. (BNCC, 2018, p.8)

A BNCC explicita o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno de todos os estudantes, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito. Demonstrando, assim, que este busca ser um documento crucial tanto para adequar quanto para construir os currículos das instituições de ensino, e também para reafirmar um compromisso com a redução das desigualdades educacionais no Brasil e a promoção da equidade e da qualidade das aprendizagens dos estudantes brasileiros.

[...] a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013)<sup>3</sup>, mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>10</sup>. (BNCC, 2018, p.8)

---

<sup>10</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> >

Isso significa que a Base estabelece os objetivos de aprendizagem que se quer alcançar, por meio da definição de competências e habilidades essenciais, enquanto o currículo irá determinar como esses objetivos serão alcançados, traçando as estratégias pedagógicas mais adequadas. Visando unificar as influências e referências de cada instituição de ensino, a BNCC surge para solucionar um problema muito comum no Brasil. Quando se analisam os currículos escolares espalhados pelo país, é possível encontrar discrepâncias muito grandes.

O **fluxograma 1** exposto abaixo ilustra essa relação da Base Nacional Comum Curricular e o currículo das escolas:



Fonte: Luisa França - <https://www.somospar.com.br/bncc-base-nacional-comum-curricular/>

A Base também tem como objetivo formar estudantes com habilidades e conhecimentos considerados essenciais para o século XXI, incentivando a modernização dos recursos e das práticas pedagógicas e promovendo a atualização do corpo docente das instituições de ensino. Assim, o projeto foi estruturado em competências para nortear a Educação Básica, ou seja, uma mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver questões do cotidiano, do mundo do trabalho e para exercer a cidadania; é por meio dessas competências que os estudantes desenvolvem as habilidades e aprendizagens essenciais estabelecidas pela Base. Ao todo foram estipuladas 10 competências gerais que servem de base para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). São essas as dez competências pontuadas no documento (2018, p. 9-10):

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

O documento traz ainda um breve subcapítulo sobre os marcos legais que embasam a BNCC, lembrando primeiramente a Constituição Federal de 1988 que reconhece

em seu artigo 205 a educação enquanto direito fundamental dividido entre a família, a sociedade e o Estado. Apresenta, ainda na Constituinte de 88, o artigo 210, que se refere aos conteúdos mínimos do ensino fundamental que devem ser fixados a fim de “assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988). Cita ainda a LDB de 1996 e os parâmetros por ela apresentados, primeiro, que estabelece a relação entre o que é básico-comum e o que é diverso em matéria curricular: as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos. E o que se refere ao foco do currículo. Apresenta o documento “ao dizer que os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de competências, a LDB orienta a definição das aprendizagens essenciais, e não apenas dos conteúdos mínimos a serem ensinados. Essas são duas noções fundantes da BNCC”.

Essa orientação induziu à concepção do conhecimento curricular contextualizado pela realidade local, social e individual da escola e do seu alunado, que foi o norte das diretrizes curriculares traçadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) ao longo da década de 1990, bem como de sua revisão nos anos 2000. (BNCC, 2018, p.11)

## Capítulo II – Cardume: potencialidades e experiências

Este capítulo aborda a trajetória e estrutura de como funciona o cursinho popular Cardume, bem como a interação que o curso de Serviço Social da UNIFESP *Campus Baixada Santista* vem desenvolvendo ou pode vir à desenvolver nesse espaço, por entender-se que a educação é um campo de atuação essencial para a profissão, logo, o cursinho, enquanto espaço politizado, possibilita aos estudantes de graduação uma vivência em pesquisa e extensão enriquecedora e ampla em possibilidades de atuação.

“O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente”.

Paulo Freire (2013, p.74-75)

### 2.1. Um espaço libertador: a proposta do projeto Cardume

Cardume é o substantivo coletivo que designa um grupo de peixes que nadam como se fossem um único indivíduo; dessa definição surgiu a inspiração para o nome do cursinho popular da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista, o Projeto Cardume; um projeto de extensão criado a partir da iniciativa de estudantes, professores e técnicos da universidade que viam no ambiente acadêmico uma possibilidade de inserção de jovens e adultos advindos de escolas públicas que não tenham cursado ou estejam cursando o ensino superior, oferecendo-os um espaço de estudo e aprendizado que os possibilitassem ingressar no ensino superior. Suas ideias se concretizaram no ano de 2014, quando se iniciou as atividades com a primeira turma de educandos. A extensão é um dos três pilares político-pedagógicos que regem a Universidade Federal de São Paulo, no *campus* Baixada Santista, juntamente com o ensino e pesquisa; como exposto no Projeto do Cardume (2014), a extensão, em especial, é concebida como a aproximação dos estudantes com a realidade regional em que o campus está inserido, possibilitando a construção de novos caminhos de intervenção, investigação e aprendizado.



De acordo com Freire (2011), é da realidade que devem partir os conteúdos propostos para as práticas de ensino. E tal pressuposto está diretamente ligado ao próprio projeto político-pedagógico do campus à medida que enfatiza o aprendizado a partir da experiência, e o associa à interdisciplinaridade. A valorização dos sujeitos e suas histórias de vida, o respeito pela diferença, a superação de obstáculos cotidianos e a ampliação do trabalho coletivo são meios pelos quais se busca, entre outros objetivos, superar a fragmentação do ensino (Fourez, 1997). (CARDUME, 2014, p. 4)

Usando como contexto a realidade de um Brasil cheio de contrastes sociais, o projeto Cardume tem como um de seus principais objetivos oferecer aos jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social o preparo para o Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, além de buscar proporcionar uma formação crítica sobre os processos sociais; entendendo o ensino superior como um espaço nada democrático e que os vestibulares surgem, nesse contexto, como ferramentas altamente meritocráticas; por compreender essa realidade presente na sociedade brasileira, o Cardume utiliza uma política de cotas inclusiva que busca auxiliar o processo de democratização de acesso às universidades e visualizando a educação como instrumento de luta e transformação social.

Talvez um dos meios mais efetivos de transformação desta realidade social é a intervenção em educação. Freire (2011) lembra que a educação é criativa, e assim possibilita a autonomia do sujeito e, desse modo, a apropriação do que é ser cidadão. Sob esse ponto de vista, Sawaia (2008) cita o conceito de potência como algo inerente ao homem para que este reforce seu direito enquanto indivíduo. A educação como recurso de inclusão social é o que fundamenta a proposta do Cursinho Popular da Unifesp Baixada Santista – Cardume. (CARDUME, 2014, p.5)

O projeto do cursinho traz consigo um caráter transformador no sentido de propiciar à universidade, a partir da extensão, a possibilidade de vivenciar a realidade do território em que se encontra, de uma forma mais ativa; ampliando suas atividades para além do desenvolvimento acadêmico de seus participantes (graduandos, pós-graduandos, professores e técnicos), trazendo para seus espaços sujeitos presentes no território ao redor:

As comunidades de baixa renda que habitam o território na qual se situa o edifício central de nosso campus, e aqueles das demais cidades da Baixada, olham para o prédio da universidade – a despeito de seu caráter público – como um recurso urbano estrangeiro, ao qual não pertencem e do qual não podem participar. O Cursinho Popular pretende ser um dos meios de a universidade integrar-se ao seu entorno e intervir na realidade social. (CARDUME, 2014, p.5)

O cursinho é voltado para egressos de escolas públicas que desejam preparar-se para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e não tem condições financeiras de pagar um cursinho tradicional. O ENEM foi criado em 1998 e teve por princípio avaliar anualmente o aprendizado dos alunos do ensino médio em todo o país, bem como auxiliar o Ministério da Educação na elaboração de políticas pontuais e estruturais de melhoria do ensino brasileiro nos níveis Médio e Fundamental, promovendo alterações nos mesmos conforme indicasse o cruzamento de dados e pesquisas nos resultados do Enem. Em resumo, foi a primeira iniciativa de avaliação geral do sistema de ensino médio implantado no Brasil. O Cardume funciona em um ciclo anual de aproximadamente 10 meses, conforme calendário do ENEM. O processo seletivo ocorre anualmente, e as turmas de cada ano são compostas por cerca de 120 estudantes das mais variadas idades (a partir dos 16 anos). Em cada dia da semana é abordada uma área diferente de conhecimentos expostas no ENEM, também chamada de matriz de referência ou eixo, são elas:

- Ciências Humanas e suas Tecnologias (Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Conhecimentos Gerais);
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Física, Química e Biologia);
- Matemática e suas Tecnologias;
- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Estrangeira Moderna, Língua Portuguesa, Educação Física, Literatura, Artes e Tecnologias da Informação e da Comunicação);
- Redação.

Mas por que esse enfoque no ENEM? O ENEM permite o acesso ao ensino superior público e gratuito, através do Sistema de Seleção Unificado (SISU)<sup>11</sup> e do Sisutec (Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica)<sup>12</sup>, bem como o aproveitamento da nota do Enem, total ou parcial, nos demais vestibulares públicos. Também permite o acesso ao ensino superior privado, por meio de bolsa integral ou parcial, através do Fies (Fundo de Financiamento Estudantil)<sup>13</sup> ou do PROUNI (Programa Universidade para Todos)<sup>14</sup>. Outra possibilidade é o aproveitamento da nota do Enem na obtenção da Certificação de Conclusão do Ensino Médio, para alunos maiores de 18 anos que não concluíram esse nível de escolaridade na idade adequada.

Como modelo de avaliação do ensino médio, ele trouxe à tona a necessidade de contextualização e entrelaçamento dos vários saberes, mobilizados para a resolutividade de situações-problema por meio do desenvolvimento de habilidades e competências, traduzidas em eixos e matrizes pedagógicas. Desta forma, o ENEM propõe-se a aferir a aplicabilidade do conhecimento do estudante em um conjunto global de competências e habilidades adquiridas ao longo da vida escolar dos estudantes brasileiros, valorizando menos a capacidade de decorar e reproduzir conteúdos e mais a sua aplicabilidade em determinadas situações-problema. Caracteriza-se por ser uma prova de caráter individual e interdisciplinar, na qual o aluno demonstra a capacidade de interpretação e resolução em um contexto global e seus fenômenos: o domínio das linguagens, a elaboração de propostas e a construção de argumentações. (CARDUME, 2014, p. 9)

---

<sup>11</sup> O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), pelo qual instituições públicas de educação superior oferecem vagas a candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Mais informações em: < [www.sisu.mec.gov.br/tire-suas-duvidas](http://www.sisu.mec.gov.br/tire-suas-duvidas) >

<sup>12</sup> O Sisutec (Sistema de Seleção Unificada do Ensino Profissional e Tecnológico) é um programa do Governo Federal, gerenciado pelo MEC, criado para democratizar e facilitar o acesso ao Ensino Técnico e Profissionalizante. Mais informações em: < [www.portal.mec.gov.br](http://www.portal.mec.gov.br) >

<sup>13</sup> O FIES é um programa do MEC, instituído pela Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que tem como objetivo conceder financiamento a estudantes em cursos superiores não gratuitos, com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo MEC e ofertados por instituições de educação superior não gratuitas aderentes ao programa. Mais informações em: < [www.fies.mec.gov.br](http://www.fies.mec.gov.br) >

<sup>14</sup> O Programa Universidade para Todos - Prouni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005 oferece, em contrapartida, isenção de tributos àquelas instituições que aderem ao Programa. Mais informações em: < [www.prouniportal.mec.gov.br](http://www.prouniportal.mec.gov.br) >

Assim, o Cardume se mostra um projeto fortalecedor na busca pela emancipação dos sujeitos, promovendo possibilidades de desenvolvimentos educativos e políticos para estudantes que não tiveram acesso à uma educação crítica, permitindo que esses sujeitos conquistem, através do ENEM, vivências universitárias de qualidade, além das possibilidades da UNIFESP constituir vínculos com a população local de seu território de forma construtiva e de acolhimento a quem já estava ali antes de sua chegada; rompendo barreiras de que a universidade não é um espaço para as pessoas deslocadas do mundo acadêmico e também ressignificando a vivência acadêmica para os sujeitos da universidade, possibilitando a eles um olhar sobre realidade do território que se encontram.

## **2.2. O Serviço Social no Cardume**

O curso de Serviço Social da UNIFESP *Campus Baixada Santista*, possui embasamento teórico-metodológico e técnico operativo para contribuir positivamente nesse processo coletivo de construção de um cursinho popular cada vez mais politizado, participativo e horizontal, que busca desenvolver a educação popular na perspectiva freiriana de autonomia dos sujeitos presentes em prol da emancipação humana por justiça e equidade. Iamamoto (2012) traz uma discussão acerca da *Prática Acadêmica*, reconhecendo sua importância ante o caráter interventivo da profissão.

Formar profissionais qualificados, com relevante gabarito político, ético, metodológico e interventivo, significa apontar-lhes caminhos e ensinar-lhes a aprender, pela convivência permanente com a teoria, a história, a pesquisa e o cotidiano das práticas presentes nos diversos campos de estágio formal ou nos programas de extensão. (IAMAMOTO, 2012; p 252)

Assim, entende-se que o curso de Serviço Social pode contribuir ativamente no desenvolvimento emancipatório do cursinho Cardume, auxiliando o grupo de educadores e educandos, e vivenciando experiências acadêmicas práticas que corroborem com a formação de futuros assistentes sociais críticos e competentes através das atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando contribuir para o

desenvolvimento da cidadania e democratização da sociedade, através do desenvolvimento de políticas sociais públicas e na organização da sociedade civil.

Como as especificidades sociais e econômicas influenciam na necessidade de suportes como o Cardume na vida educacional de quem participa do projeto? É nessa questão que se localiza a potencialidade de participação do curso de Serviço Social dentro do projeto de educação popular. Entendendo a educação popular na perspectiva freiriana, que luta por uma Pedagogia Libertadora, através do constante diálogo, partindo sempre da problematização da realidade dos educandos para a finalidade de intervenção no mundo. A Educação Popular, dessa forma, é pautada na dialogicidade; em que o saber é desenvolvido através da troca coletiva. Gadotti (1983) pontua a educação popular como instrumento de transformação:

(...) a Educação só pode ser transformadora nessa luta surda, no cotidiano, na lenta tarefa de transformação da ideologia, na guerrilha ideológica (...). Por que ela pode ser transformadora? Porque o trabalho educativo é essencialmente político e é o político que é transformador (GADOTTI, 1983, p.162-163).

Desenvolvendo essa perspectiva da educação como uma possibilidade de politização, se faz uma articulação com o processo de Reconceitualização do Serviço Social, iniciado na década de 1960 e que se prolongou por uma década, movimento esse tipicamente latino-americano, que marcou uma nova fase para o Serviço Social através de um processo de revisão dos objetivos da profissão, distanciando-se do tradicionalismo antes parte da prática profissional e realizando uma revisão dos fundamentos teórico-metodológicos, da formação acadêmica e da atuação prática. Movimento este de autocrítica e de questionamento societário, como apresenta lamamoto (2012), em que se desenvolveu um processo seletivo de busca da construção de um novo Serviço Social latino-americano, que propusesse uma forma de sociabilidade que partisse do protagonismo dos próprios sujeitos coletivos.

A Educação popular, nessa ótica, visa transformar o sujeito em agente político. Político no sentido de ser participante ativo na transformação do mundo e da sua história, construir seres autônomos e capazes na responsabilidade singular de uma organização coletiva em prol de um projeto

de sociedade, que tenha como eixo central o ser humano. Ou seja, tendo como instrumento a educação, trata-se, portanto, de recuperar a humanidade que foi roubada e negada aos sujeitos. (MACIEL, 2011, p.339).

Assim, entende-se nessa perspectiva que a educação popular vai de encontro com as novas diretrizes do Serviço Social, em busca de uma sociedade composta por seres participativos do coletivo, através do diálogo e da troca de saberes, exercendo assim, seu papel político dentro da sociedade e, conseqüentemente, libertando-se das opressões impostas pelo capital e sendo capaz de desenvolver sua própria autonomia. Segundo Iamamoto (2012, p.77)

O Código de Ética nos indica um rumo ético-político, um horizonte para o exercício profissional. [...] Afirma, *como valor ético central*, o compromisso com a nossa parceira inseparável, a *liberdade*. Implica a autonomia, emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais, o que tem repercussões efetivas nas formas de realização do trabalho profissional e nos rumos a ele impressos.

Aí se encontra as potencialidades e também o desafio do Serviço Social nesse campo de atuação, encontrar e construir potencialidades para que os próprios sujeitos desenvolvam, reconheçam e, assim, se libertem das amarras invisivelmente impostas pelo modelo de sociedade em que estão inseridos. O Serviço Social junto e presente no processo da construção da Educação Popular, pode colaborar nesse movimento de construção e desconstrução crítica do senso comum que elevem os sujeitos à seres autônomos.

Uma das condições do exercício democrático, como já dizia Gramsci, é captar os reais interesses e necessidades das classes subalternas, sentir com ela suas paixões para que se possa efetuar a crítica do senso comum e da herança intelectual acumulada – papel da “filosofia da práxis”. Segundo Ernesto Cardenal é este o papel do intelectual: “devolver claramente às massas o que delas recebeu confusamente”. Supõe um conhecimento crítico do universo cultural das classes subalternas, contribuindo para a ultrapassagem de seus elementos opacos, que vedam o descortinar dos horizontes coletivos. (IAMAMOTO, 2012, p. 77)

Considerando toda essa perspectiva da educação popular, de caráter transformador da realidade social, as técnicas de pesquisa implementadas nesse trabalho<sup>15</sup> possibilitam compreender, na perspectiva dos/das educandos/das, se o cursinho Cardume atinge esse objetivo, entendendo que a proposta do cursinho visa dar conta de tal questão. Reconhecendo que ao longo do processo, os ideais inicialmente construídos, ficam à mercê da realidade cotidiana de dificuldades e desafios na coordenação desse processo de construção de uma educação libertadora; entendendo que o cursinho é composto por um grande grupo de educadores/as que não necessariamente compreendem a construção da educação popular como um processo coletivo e de descaracterização da educação bancária tradicional, deparando-se assim, com desencontros na compreensão de educar. Desse modo, as questões trazidas aos educandos, sujeitos dessa pesquisa, buscaram entender como tem se dado esse processo na visão deles; as respostas coletadas demonstram que, na grande maioria dos casos, o cursinho proporcionou algum contato novo à essas pessoas, sobre a sociedade e sobre si próprios, em um olhar mais crítico sobre os processos da vida social e política que foram determinantes para a realidade de vida em que se encontram. Relataram que o Cardume proporcionou espaços de troca e discussão críticas e reflexivas que, em muitos casos, não haviam vivenciado na vida escolar, e que isso os possibilitou se reconhecerem de forma mais presente enquanto seres políticos. Muitos relataram a ausência ou ineficiência de aulas na área das ciências humanas, como sociologia e filosofia e o quanto isso contribuiu negativamente para o processo de aprendizagem e criticidade da sociedade, os relatos explicitaram ainda a grande relevância que estar inseridos num espaço universitário, público, contribuiu para esse processo, os permitindo visualizar-se em uma instituição como a UNIFESP, que proporcione uma formação superior de qualidade os possibilitando serem profissionais capacitados para o mundo do trabalho e seres sociais presentes e participativos nas vivências políticas.

---

<sup>15</sup> Mais sobre o grupo focal e o questionário realizados no próximo capítulo; a íntegra se encontra em Anexos.

### **Capítulo III – Possibilidades de diálogo entre o Cardume e o Curso de Serviço Social da Unifesp**

Este último capítulo traz uma discussão acerca dos dados coletados pelos métodos de pesquisa escolhidos, apresentando o perfil dos estudantes ativos no cursinho popular Cardume, bem como suas percepções acerca da educação, da instituição universitária em que se encontra o cursinho e as relações estabelecidas ali. O capítulo apresenta ainda uma relação em potencial que o curso de Serviço Social da UNIFESP, Campus Baixada Santista, pode vir a desenvolver nesse espaço de luta pela emancipação dos participantes.

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciadores, a exigir deles um novo pronunciar.

- Paulo Freire (2014, p.108)

#### **3.1. Problematização dos dados coletados**

Para contribuir com a pesquisa, foi realizado em outubro no Cursinho Cardume de 2018 uma pesquisa com os/as educandos/as participantes do cursinho Cardume; tanto sobre o cursinho, como também o olhar crítico para a formação de educação tradicional que tiveram, a dinâmica que possuem com a universidade e com os estudantes da graduação. As abordagens metodológicas utilizadas foram um grupo focal com 10 estudantes e um questionário aplicado em dois momentos diferentes a fim de agregar a maior quantidade possível de estudantes voluntários.

Para o acontecimento da pesquisa em grupo focal, 10 estudantes – todos/as pertencentes à turma de 2018 do cursinho popular Cardume, da UNIFESP - de forma voluntária, se dispuseram a se deslocar até as dependências da universidade, em um horário contra turno de aulas. O grupo focal ocorreu no dia 08 de novembro de 2018 e foi gravado, mediante autorização dos participantes, com duração aproximada de 1 hora e meia. As questões trazidas como problematizadoras para a discussão visaram nortear o grupo para, de forma coletiva, alcançar o objetivo de compreender qual a visão dos educandos perante o cursinho, qual o papel que o cursinho vem desenvolvendo para eles; de que maneira a universidade integra o cursinho e como



vem sendo, ou como poderá ser, a interação dos cursos de graduação da UNIFESP no cursinho Cardume. As questões previamente estruturadas foram:

- Qual o papel que o cursinho Cardume vem desenvolvendo para os educandos?
- Quais as questões sobre o ensino público regular os incentivaram a recorrer ao Cardume?
- Qual papel a Universidade Federal de São Paulo tem desenvolvido dentro do Cardume, para eles?
- Como se dá a relação dos estudantes do Cardume com os estudantes da graduação da Unifesp – Baixada Santista?
- E de que forma a graduação pode contribuir com o Cardume?

A técnica de pesquisa em grupo focal foi escolhida por entender-se que permite múltiplas possibilidades de troca entre os participantes.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga & Gondim, 2001). (GONDIM, 2003, p. 151)

Foi através dessas potencialidades trazidas por essa abordagem metodológica que surgiram espontaneamente percepções, como a interessante participação de uma educanda de 55 anos que voltou a estudar depois de duas décadas longe das salas de aula, essa senhora ainda apresenta outra característica interessante, é moradora da vila Mathias, bairro em que o prédio que acontece o cursinho, da UNIFESP – *Campus Baixada Santista*, se encontra, e já morava na região antes mesmo da universidade se instalar ali, ela falou então sobre como foi a chegada da instituição ao bairro e as reações que teve enquanto moradora:

Então olha, quando iniciou a implantação da UNIFESP lá do lado da minha rua eu fiquei bem feliz, mas eu achava que não era para o pessoal do bairro, né, para o pessoal da cidade. Aí como aqui existia um projeto que eles trabalhavam na comunidade, eu conheci o pessoal daqui lá onde eu fazia... um trabalho comunitário no projeto ... é um projeto de moradores... casas populares, né, então eu fazia parte desse projeto e eu conheci o pessoal da UNIFESP lá. Logo no primeiro cursinho eu quis fazer, mas como eu trabalhava a noite e tudo, eu não tinha condições. Eu achei que a universidade não era para o pessoal daqui, mas aí eu acabei vendo que se a gente... quando as pessoas querem, as pessoas correm atrás e dá sim. Até o meu filho está pensando, que ele vive sempre aqui, a universidade também propiciou esse espaço para ele conhecer e os meninos daqui de perto também vê que eles têm condições de fazer uma universidade. (Trecho do grupo focal disponível no ANEXO 1)

A vivência inesperadamente trazida pela voluntária, ainda trouxe um pouco a perspectiva que os moradores têm sobre a universidade, de uma certa barreira, um estranhamento entre as pessoas que são moradoras da região, com a instituição. Ela acredita que sim, essa barreira existe, mas que há possibilidades para serem quebradas, e vem sendo, segundo ela:

[...] por exemplo, meu filho sempre achou que ele não tinha condições de fazer uma universidade, então, ele frequentando aqui, o espaço da universidade, o laboratório [de informática], vindo nas feiras, com a Rádio Silva que ele vem integrando, eles começaram – ele e os amigos – a ver que eles tem condições sim, a universidade tá cada vez mais se integrando ao pessoal da comunidade aqui do bairro.

É importante a observação de como a universidade vem se integrando a esse espaço e esse diálogo que surgiu de forma não programada me fez pensar em como efetivamente a universidade vem participando da região em que se encontra, através de projetos de extensão e pesquisa, como também do Eixo Trabalho em Saúde que vem discutindo ao longo dos anos as questões que perpassam o território, desenvolvendo ações na região da vila Mathias na promoção de saúde. Mas para além, esse momento da atividade me possibilitou problematizar o quanto o cursinho, enquanto um projeto de extensão universitário, está de fato articulado e amplamente apresentado aos moradores da região, já que os educandos que habitam a região em torno da UNIFESP, não são a maioria. O cursinho, enquanto equipe gestora, vem

observando tais aspectos e almeja cada ano mais participantes que sejam locais, mas essa ainda não é a realidade vivenciada.

Outro ponto abordado, foi sobre o papel do Cardume e qual a importância do mesmo para os participantes, muitos relataram que o cursinho foi uma oportunidade que eles não teriam acesso de outra maneira, por oferecer as aulas gratuitamente e muitos relataram que não teriam condições de bancar por isso. Os participantes destacam ainda que o Cardume tem sido um espaço de fato transformador por proporcionar contato ao mundo universitário através do ambiente da instituição e pelas aulas serem ministradas na maioria por graduandos da universidade, sendo um espaço que vem desenvolvendo noções políticas e sociais que estão formando opiniões mais críticas sobre a sociedade, movimento esse, segundo eles, nunca antes ocorrido pois a escola pública, em sua maioria, não dispõe dos recursos suficientes para um desenvolvimento da aprendizagem escolar.

Cardume me fez ter outras visões do mundo, como a educação, política, conviver mais em sociedade, porque faz tempo que eu não estudo e questão também de ver como a educação que a gente tem no Ensino Médio é tipo diferente, no caso mais escassa. Porque aqui a gente tem a oportunidade de falar e também de aprender com os professores que são voluntários.

Então, quando eu cheguei no Cardume eu confesso que eu tinha um certo preconceito, porque eu cheguei aqui em uma realidade totalmente diferente da que eu convivo e como foi citado, tipo, pessoas de vários gêneros, várias manias, vários trejeitos, vários pensamentos, várias visões diferentes, e aqui a gente começa a aprender que a gente não é o dono do mundo, né? Existe muito mais gente ao nosso redor e as pessoas pensam diferente e por pensarem diferente, elas não estão erradas. É simplesmente a opinião delas e a gente precisa respeitar para viver em sociedade. O Cardume me trouxe uma visão crítica melhor, o Cardume me fez lembrar o que é a educação de verdade, porque eu confesso que não estudei merda (sic) nenhuma no Ensino Médio e aqui foi um lugar onde eu pude falar não. Realmente, esse aqui é um lugar onde eu vou estudar e adquirir conhecimento. Então o Cardume foi muito bom para mim, não só no sentido educacional didático, mas também no sentido educacional como cidadão e como ser humano. (trechos das entrevistas disponíveis em ANEXO 1)

Quando questionados sobre o papel da UNIFESP enquanto instituição a maioria dos educandos reconheceu a importância do espaço físico oferecido, bem como o contato com a vida acadêmica e demais atividades que contribuem de forma importante com o processo de formação deles, a fala de um/a educando/a sintetiza:

Acho que o papel da Unifesp, é fundamental, em questão, assim, de tudo, estrutura, você tem a oportunidade de estar estudando aqui dentro, nas bibliotecas, você tem acesso à internet, além disso, você está em contato, assim, com outras pessoas, você está em contato também com outros projetos que a Unifesp desenvolve, como: os debates abertos, as apresentações artísticas, você por estar participando do Cardume e por você estar nesse ambiente, você ao mesmo tempo está em contato e você tem acessibilidade a tudo isso, então a estrutura da Unifesp é fundamental.

A compreensão dos/as educandos/as acerca do papel que a universidade possui nesse processo reflete que o cursinho vem construindo, juntamente a eles, uma noção de pertencimento ao espaço em que estão inseridos, e a construção de relações que favorecem a formação social e educacional através do contato com os indivíduos que são parte desse mesmo espaço, como os estudantes dos cursos de graduação, que alguns participantes relataram a relevância que esse contato possui para eles.

Dois pontos, né... os alunos da graduação que estudam na UNIFESP mas não dão aula para a gente são inspirações, a gente se inspira neles, a gente sabe que [...] são pessoas assim como a gente... a gente tem muito aquela visão de que só um determinado número de pessoas ou um determinado grupo social consegue passar em universidade pública, mas quando você realmente entra e vê que existem pessoas de todas as raças, todas as cores, tudo sabe? Diferentes histórias, algumas parecidas com a sua e quando você vê essas pessoas você fala 'meu, parece comigo, teve as mesmas dificuldades, se ele consegue estar lá eu também consigo'. Você olha para aquilo e vê que dá sim para conseguir. E para os alunos da graduação que dão aula para a gente... acho que sem palavras, são as pessoas que eu serei eternamente grato, são pessoas que inspiram a gente até mais do que isso, uma das minhas vontades, além de me formar, é um dia dar aula, tenho muita vontade de fazer isso... não é exatamente isso o que eu quero recorrer, não é o curso que eu quero, porque eu quero fazer engenharia, mas eu quero um dia dar aula muito por vocês, que dão aula, porque eu quero poder compartilhar desse sentimento, de poder ajudar o outro e eu acho que, mesmo parecendo muito sonhador, ver pessoas que mesmo com tanta coisa para fazer com a faculdade, que é uma coisa muito puxada, tiram um tempo para cuidar de quem quer estar lá também... vê com um olhar mais humano, poxa, tantas pessoas que nunca me viram, não me conhecem, não são nada da minha família nem nada, pensam em mim, tentam me ajudar, sabe, realmente dedicam um tempo... então vocês são verdadeiros heróis, acho que é... são pessoas, assim, acima da média em todos os quesitos, são pessoas simplesmente fantásticas, incríveis.

Trazendo um enfoque para meu interesse de pesquisa, em pontuar as possibilidades que o Serviço Social, e também os demais cursos da graduação tem a desenvolver no cursinho Cardume, os/as participantes trouxeram algumas possibilidades interessantes de atuação dos cursos dentro desse espaço, principalmente sobre a Psicologia e o Serviço Social como possibilitadores de um suporte psicossocial a esses estudantes em fase de fragilidades da vida psíquica, bem como questões socioeconômicas que desestabilizam o processo de aprendizagem dos conteúdos pré-vestibulares.

Eu acho que seria legal também, é que eu não sei que ano que um aluno de Psicologia poderia fazer tipo um estágio com os próprios alunos, não que isso já não aconteça [de maneira informal na relação educadores X educandos], mas é que um aluno de Psicologia está mais voltado para isso, por causa que em um ano de vestibular nós, vestibulandos, a gente desacredita muito do nosso potencial, se você vai realmente conseguir... esse tipo de coisa, então, assim, os alunos de Psicologia, só de eles estarem em contato, perguntando do seu desenvolvimento e se interessando por você, isso dá uma força para o aluno, acho que isso seria legal também.

O curso de Serviço Social é um apoio para as pessoas, então como a V. falou, tanto o curso de Psicologia, quanto o de Serviço Social, também dariam apoio para a gente, estrutural e psicológico também, porque é um ano difícil, tem muita gente que trabalha e estuda, então você vem para cá sobrecarregado e seria um meio de desabafar, são pessoas mais capacitadas para escutar a gente e dar uma resposta que a gente precisa, entendeu?

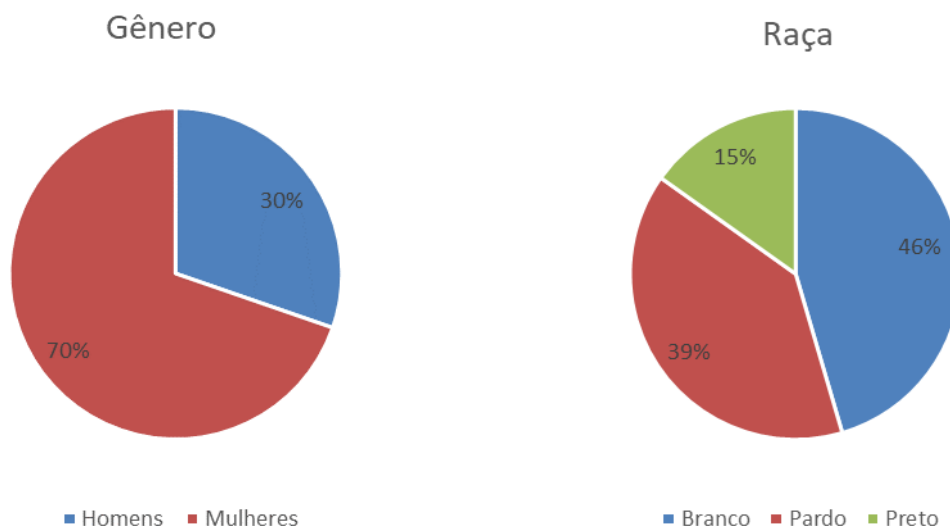
No questionário<sup>16</sup> aplicado com o objetivo de entender o perfil dos/as educandos/as presentes no Cardume, bem como o desenvolvimento escolar que tiveram durante os anos no ensino escolar público. Essa parte da pesquisa foi apresentada aos estudantes durante a aula de redação, matéria da qual sou educadora voluntária no cursinho, e cada um pôde responder um questionário individualmente, de forma voluntária. Apesar da entrada de 120 estudantes no início do ano, a evasão de forma espontânea e criada pelas diferentes questões da vida cotidiana acontece em todos os anos, por questões, inclusive, que perpassam as possibilidades de atuação do Serviço Social pois essa evasão ocorre, muitas vezes, por questões como dificuldades financeiras de bancar com o transporte, falta de respaldo familiar para seguir nos estudos, interferências por trabalho, entre outras

---

<sup>16</sup>

Modelo do questionário disponível no Anexo 2 deste trabalho.

questões mais específicas<sup>17</sup>; assim, no segundo semestre, as aulas passam a receber uma quantidade inferior de participantes; a pesquisa foi efetivamente aplicada em 33 participantes, quantidade essa suficiente para a compreensão do perfil geral dos educandos ativos no cursinho.



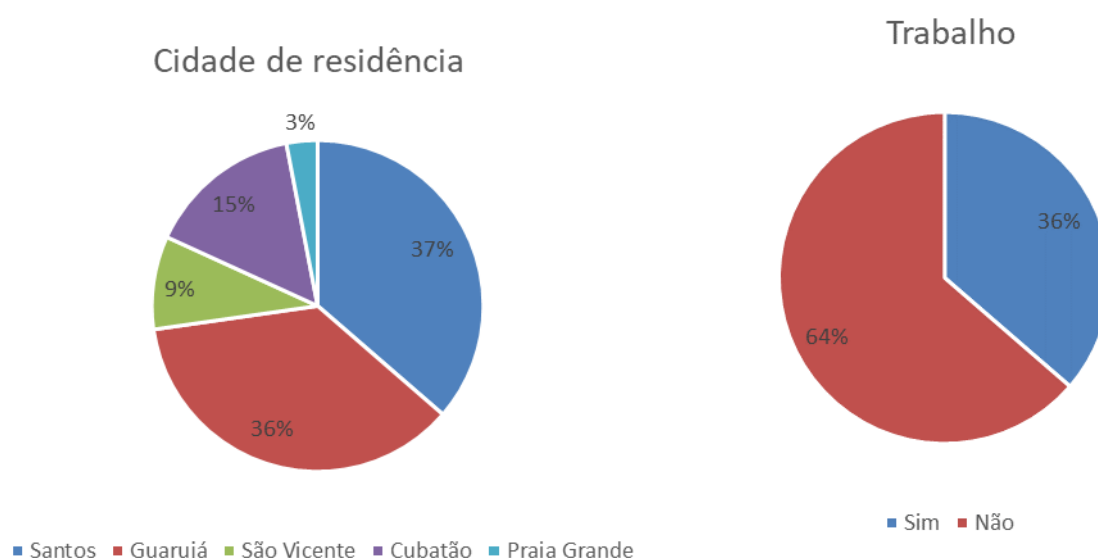
O gráfico de gênero demonstra que o cursinho apresenta uma maioria de participantes mulheres, possivelmente a relação deste fato se dá ainda pelo papel desigual que a mulher e o homem desenvolvem na sociedade, em que o homem ainda domina o setor profissional, fazendo assim, com que os jovens das classes baixas – as quais se destina as atividades do cursinho – precisem ingressar ao mundo do trabalho ao atingirem a idade necessária, pois é seu papel, socialmente construído, contribuir na renda familiar; bem como essa relação pode ser baseada ao que estamos visualizando como a busca por um protagonismo que a mulher vem lutando nas ultimas décadas, e se evidencia nas discussões de papel de gênero dos últimos anos, em que a mulher passa a não aceitar as imposições do patriarcado, de submissão ao homem e o não desenvolvimento da vida profissional, há a possibilidade de que o amplo interesse feminino pelos estudos, seja essa busca por sua emancipação

---

<sup>17</sup> A gestão do cursinho não discorre, ainda, de estratégias para documentar as motivações de tais desistências, mas a discussão já foi apresentada como uma ferramenta possível em auxiliar a equipe à compreender e lidar de uma forma mais construtiva com os ocorridos.

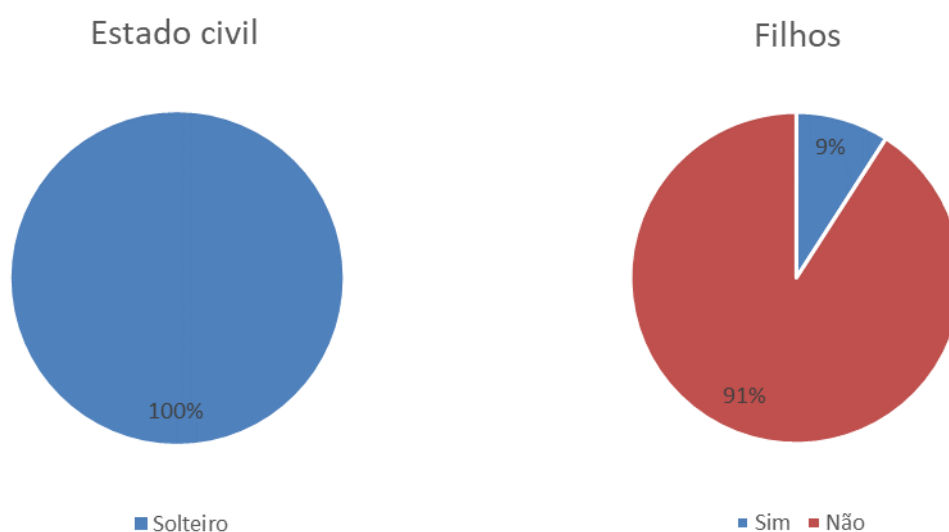
através de uma inserção no mundo acadêmico e, sucessivamente, no mundo profissional.

O segundo gráfico mapeia a raça dos/as educandos/as ativos do cursinho Cardume, a indicação de que 46% dos participantes se identificam enquanto brancos, traz um questionamento se o cursinho vem atingindo o seu propósito de atender a população pertencente as classes baixas da baixada santista, principalmente dos moradores localizados no território ao seu redor, que reflete a exclusão social territorial que a cidade de Santos apresenta, em que a região da orla da praia apresenta a maior concentração de moradores de classes altas, e as regiões centrais e de morros, mais afastadas da orla, concentram a população de baixa renda econômica. Sabe-se, historicamente, que a população negra, em sua maioria, se encontra em alta posição de vulnerabilidade social, assim, quando explicita-se essas questões, e visualiza-se que o cursinho atende uma maioria branca, pode-se concluir que o objetivo do cursinho popular, que visa possibilitar acesso a uma educação de qualidade aos sujeitos pertencentes a situação de vulnerabilidade social, como o intuito de ser um agente que contribua com a diminuição das desigualdades sociais, ainda não está completo.



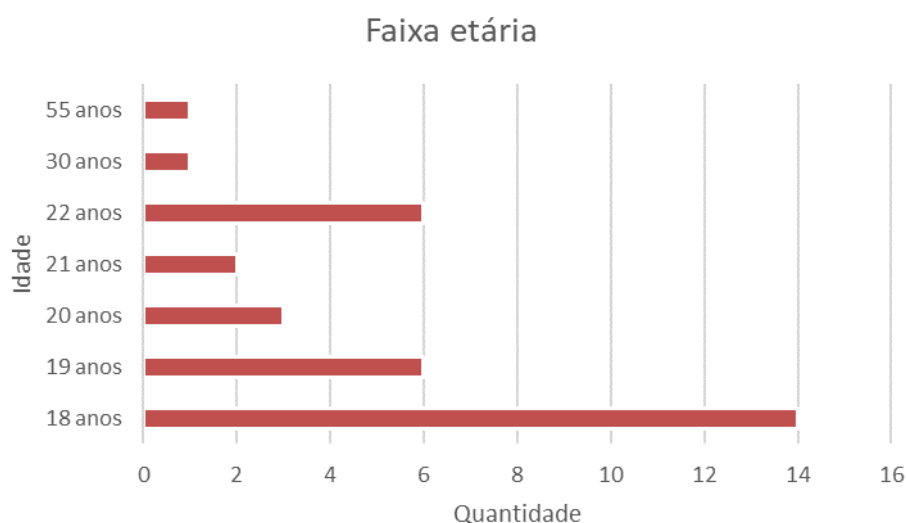
Os gráficos acima apresentam o mapeamento das cidades da Baixada Santista de origem dos/as estudantes do Cardume, e a situação de trabalho dos/as mesmos/as. A Baixada Santista é constituída por nove municípios, no cursinho, encontra-se estudantes advindos de cinco destas, sendo Santos, cidade onde se encontra a

UNIFESP, e Guarujá, as cidades em que há maior concentração de participantes. O Cardume tem por objetivo atingir estudantes da região próxima ao prédio da instituição, como forma de integrar a universidade ao seu território, assim, aparenta atingir essa intencionalidade. Já sobre os participantes inseridos no mundo do trabalho, a maioria, 64%, diz não trabalhar, uma reflexão importante a ser abordada pois, quando se pensa em educação popular, e principalmente dos objetivos do cursinho Cardume, os estudantes trabalhadores se encontram na posição de muita vulnerabilidade social, por serem parte da classe trabalhadora e distantes do mundo acadêmico, lidando ainda com as adversidades da vida cotidiana de necessidade de cuidar da família, financeiramente, da falta de tempo para estudar, do afastamento dos estudos por conta da vida profissional, entre outros fatores, assim, entende-se que o grupo de sujeitos trabalhadores é um perfil que deve ser mais inserido ao cursinho como uma maneira de fortalecer a busca pela emancipação dos sujeitos na vida em sociedade.



Sobre o estado civil dos participantes da pesquisa, todos se classificaram enquanto solteiros, em contraponto a isso, uma pequena porcentagem diz ter pelo menos um filho. Na realidade do cursinho, pode-se fazer a relação da baixa porcentagem de filhos com os índices de natalidade que vem caindo, mas, um fator de grande importância que deve ser salientado é a de que a maioria dos estudantes da turma de 2018 do cursinho Cardume, se encontra na faixa etária dos 18 anos, como se expõem no gráfico seguinte, assim, o baixo índice de filhos por participante pode se dar ao fato da grande maioria dos estudantes ainda serem jovens.





O ultimo gráfico apresenta a faixa etária dos/as educandos/as participantes da pesquisa, demonstrando que a maior quantidade disparada são jovens de 18 anos, idade que reflete estudantes recém-saídos ou em processo de finalização do Ensino Médio. Essa informação também pode justificar o gráfico de trabalhadores e não trabalhadores presentes no cursinho, demonstrando em maioria um perfil de estudantes jovens, brancos e que não trabalham, sendo possivelmente um perfil de jovens que possuem um respaldo financeiro familiar para sua manutenção, trazendo, novamente, um dado que questiona se são essas as características que o cursinho busca alcançar.

**Quando foi perguntado porque as pessoas optaram pelo Cursinho Cardume, cinco educandos responderam:**

Resposta educando/a 1: Primeiramente por ser um cursinho pré-vestibular focado no ENEM e gratuito.

Resposta educando/a 2: Porque eu não tenho condições de pagar um cursinho tradicional.

Resposta educando/a 3: Necessitava estudar e não tinha dinheiro, o cursinho me auxiliou no aprendizado para os vestibulares, ampliou meus conhecimentos como pessoa com tutores maravilhosos.

Resposta educando/a 4: Tenho amigos estudantes da UNIFESP e por ter poucos recursos financeiros, a educação popular gratuita se mostrou a alternativa mais viável para o pré-vestibular.

Resposta educando/a 5: Por ser um curso gratuito e que me dava a chance de sonhar com a universidade pública e ter a chance de ter um ensino de qualidade.

A escolha do cursinho Cardume por parte dos educandos/as foi pautada pela gratuidade em todos os questionários coletados, alguns apontam ainda que o pertencimento do cursinho à UNIFESP, valorizou a decisão. É interessante notar que o interesse ao cursinho fica quase estritamente ao nível financeiro, não há uma consciência, no início do processo, do que seria a educação popular nesse contexto, de busca da autonomia dos sujeitos, da construção coletiva do saber e até de um desenvolvimento das pessoas enquanto seres políticos.

**Ao serem questionado sobre o aprendizado de conteúdo do Ensino Médio, as pessoas refletiram:**

Resposta educando/a 1: Razoável, pois tomo ciência de que muitas vezes o culpado do meu não aprendizado fui eu mesmo, mostrando desinteresse e imaturidade para levar a sério a educação. Não isento o Estado por não dar a estrutura necessária, mas tomo para mim a maior parte da culpa.

Resposta educando/a 2: Razoável, a falta constante de professores além do despreparo desses.

Resposta educando/a 3: Bom, estudei na ETEC de Cubatão, uma das escolas que possui maior qualidade para ensinar.

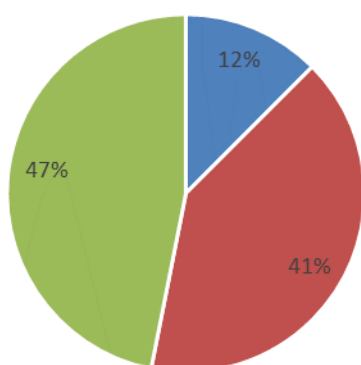
Resposta educando/a 4: Razoável, fui estudante do Ensino Médio entre 2010 e 2012, onde o desmonte da educação pública ainda não tinha se concretizado com força total. Tive professores ótimos e quase todas as matérias, mas, mesmo assim, ainda é necessário maiores investimentos para alinhar o Ensino Médio ao exame ENEM.

Resposta educando/a 5: Precário porque havia muita greve de professores e quando tinha aula os professores, apesar da boa vontade, não possuíam estrutura para passar aulas didáticas.

Nesta questão, as respostas já não apresentaram o mesmo padrão de homogeneidade, encontrou-se estudantes com algumas diversidades na vivência do processo escolar, os cinco exemplos expostos demonstram essas divergências; nota-se estudantes que possuíram uma vivência precária do ensino escolar por falta de estrutura, professores e material precário, há respostas ainda que alegam que greves de professores foram uma questão recorrente que contribuiu para a precarização do processo de aprendizagem. É importante evidenciar que se existe a necessidade por parte dos professores do ensino escolar, em realizar greves, é uma resposta as crises que o ensino público enfrenta de desmontes da educação, falta de recursos, de investimento e estrutura mínima digna para a realização do trabalho desses profissionais. A educação pública brasileira vivencia sequentes processos que refletem diretamente na qualidade do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem dos estudantes.

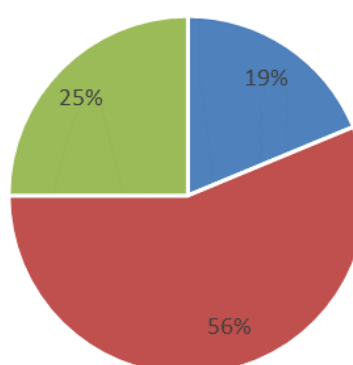
Os gráficos a seguir demonstram a classificação que os estudantes participantes da pesquisa deram para a qualidade do ensino público que tiveram e como consideram sua própria aprendizagem dos conteúdos do Ensino Médio:

Qualidade do Ensino Público



■ Bom ■ Razoável ■ Precário

Aprendizagem dos conteúdos do Ensino Médio



■ Bom ■ Razoável ■ Precário

Ainda as respostas sobre a aprendizagem do conteúdo, a maioria dos participantes consideraram razoável, 56%, nos exemplos trazidos dos cinco estudantes, as respostas consideradas como “razoável” justificam que, apesar dos desmontes na educação citados, existem muitos professores que buscam formas de lidar com tais precarizações e que, para além, reconhecem que possuíam instrumentos importantes para além da estrutura do ensino público que os possibilitaram se desenvolver no processo de aprendizagem. Por fim, uma minoria de participantes qualificou como “bom” sua aprendizagem escolar, o exemplo trazido do/a educando/a 3 explicita que isso se deu pelo fato de ter estudado em uma Escola Técnica Estadual (ETEC)<sup>18</sup>, que se trata de uma instituição de ensino do estado de São Paulo que oferece o ensino médio juntamente ao técnico, possibilitando aos estudantes da instituição saírem do ensino médio com um certificado de técnicos em diversificadas áreas profissionais, as ETECs recebem investimentos e apoio diferenciados das escolas do ensino básico por se tratarem de instituições que defendem também interesses do setor privado em busca de trabalhadores qualificados para exercer atividades técnicas no ramo comercial e industrial.

**Ao problematizar sobre a contribuição do ensino escolar para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a vida em sociedade, os participantes responderam:**

Resposta educando 1: A escola não foi capaz de desenvolver um pensamento crítico em mim, pois não eram abordados temas que levassem a tais reflexões. Mal tínhamos aulas de sociologia e filosofia.

Resposta educando 2: Pouco, a falta de professores nas áreas de humanas prejudicou o desenvolvimento do meu pensamento crítico.

---

<sup>18</sup> Mais informações sobre ETEC disponível em: <<http://www.portal.cps.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>>

Resposta educando/a 3: Sim, em algumas das aulas debatíamos questões sociais de maneira filosófica e sociológica. A escola proporcionava atividades que influenciavam o pensamento crítico.

Resposta educando/a 4: O ensino médio por si só, não. A vivência dentro e fora da sala de aula me proporcionou uma nova visão e pensamento crítico sobre a atual sociedade brasileira.

Resposta educando/a 5: Não, porque eu mal tive professores de filosofia e sociologia. O único material de apoio era a apostila do governo e eu só fazia para ganhar nota. Aqui no Cardume que eu comecei a ter uma visão diferente e passei a observar o mundo de outra forma.

Sobre o desenvolvimento do pensamento crítico na escola, a maioria dos participantes responderam que a escola não proporcionou vivências suficientes para que essa formação ocorresse, muitos relataram a falha do ensino nas áreas das ciências humanas, falta de professores ou de aulas de sociologia e filosofia, matérias escolares vistas como cruciais para a formação do pensamento crítico sobre a sociedade dentro da escola. Esse é um explícito reflexo da desvalorização do saber das ciências humanas que vem desde o período da revolução industrial com a supervalorização das ciências tecnológicas que visam a alta produtividade e lucro, considerando ainda que o saber das ciências humanas levam os sujeitos a se reconhecerem enquanto seres políticos, desenvolvendo criticidade ao mundo do trabalho, consciência de classe aos trabalhadores e consequentemente o reconhecer dos sujeitos, de seus direitos sociais, o que resulta em trabalhadores que reivindicam o lhes for direito, não aceitando as imposições burguesas que buscam alienar e explorar o trabalhador. Essa reflexão se aplica até os dias atuais, pois a busca por controle social por parte do que chamamos dominador, é essencial para que esse controle social e político se mantenha defendendo os interesses das classes altas detentoras do poder econômico e político.

### **3.2. Contribuição do Serviço Social na Unifesp**

A articulação entre o curso de Serviço Social e o cursinho Cardume é uma possibilidade concreta de se desenvolver estratégias de construção coletiva que contribuam tanto para a formação e pesquisa dos estudantes da graduação, quanto para o cursinho, enquanto extensão que visa cada vez mais desenvolver uma estrutura de acolhimento a/os educandos/as para melhor recebe-los, e também aos próprios/as educandos/as, sujeitos que vivenciam diversas questões sociais que se colocam como dificuldades ao processo de aprendizagem educacional; assim, o curso de Serviço Social pode oferecer suporte a essas pessoas, a fim de contribuir na promoção da vida educacional desses sujeitos enquanto seres sociais e políticos, entendendo que a educação está intimamente ligada ao processo de emancipação humana, sendo uma importante ferramenta nesse processo, pois permite aos sujeitos, uma formação crítica que os permita sair das vivências de alienação a qual são postos na vida em sociedade através do senso comum.

Com isso exposto, entende-se que o Serviço Social se faz importante na construção desse processo, visualizando as potencialidades que o curso possui de contribuir na promoção desses sujeitos à seres críticos e politizados; reconhecendo ainda que, apesar da educação ser um campo de amplas possibilidades de atuação do profissional assistente social, a abordagem da temática dentro do curso ainda é pequena, entendendo que o campus Baixada Santista oferece vastas possibilidades práticas de atuação dentro das áreas da saúde e assistência, desse modo, o espaço do cursinho Cardume se faz potencializador na contribuição pedagógica e prática do curso no campo de atuação da educação, entendendo as demandas já expostas acerca da questão social, que permeia a vida desses sujeitos participantes do cursinho; sendo, segundo lamamoto (2012) “as múltiplas expressões da questão social o objeto sobre o qual incide o trabalho profissional.”

Nesse processo, o espaço Cardume se faz espaço relevante de prática da formação profissional do assistente social; por ser de extrema relevância para o processo de formação, como destaca lamamoto (2012), quanto por ser parte do “pilare” que rege os preceitos da formação acadêmica da UNIFESP que valoriza para além do ensino teórico-metodológico, do ensino e pesquisa, as experiências práticas da extensão.

O debate sobre a formação profissional na contemporaneidade brasileira, [...] supõe um *diálogo crítico* com o processo de construção e implantação de um projeto de *formação profissional coletivamente construído* [...] protagonizado pelas unidades de ensino [...] que buscou articular as dimensões de *ensino, pesquisa e extensão* possibilitando a efetiva integração do Serviço Social na dinâmica da vida universitária. Representou, sem sobras de dúvidas, um salto de qualidade na preparação acadêmico-profissional de quadros para o exercício do Serviço Social. (IAMAMOTO, 2012, p.170)

Iamamoto (1912, p. 20) expõe que um grande desafio ao profissional do Serviço Social na atualidade é “desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes do cotidiano”, destacando que o Assistente Social precisa ser um profissional propositivo e não só executivo. Desse modo, a abertura do Cardume como espaço de aprendizagem aos/as estudantes do curso de Serviço Social da UNIFESP, se mostra um ambiente capaz de contribuir à graduação na prática educativa da vida profissional, possibilitando aos/as graduandos/das desenvolver suas habilidades acima expostas por Iamamoto (2012).

## **Considerações finais**

Este trabalho não teve por objetivo determinar o que está correto ou não acerca da maneira como o Cardume vem acontecendo, mas sim expor as vivências experimentadas pelos sujeitos mais importantes nesse contexto, os/as educandos/as. As contribuições aqui apresentadas visam a colaborar no processo de constante construção do cursinho Cardume, ao qual eu, enquanto educadora também presente nesse espaço, participo; apresentando de que forma essas pessoas vivenciam esse projeto; um pouco de quem são, para que a partir disso, o cursinho possa realizar uma reflexão crítica sobre suas atividades e objetivos.

Toda iniciativa que busca colaborar com a diminuição das desigualdades sociais é válida, mas o processo para que se desenvolva com qualidade deve ser sempre inacabado, pois aprende-se com as experiências, e as experiências do Cardume ano após ano, só crescem e se fortalecem. Na inquietude constante de um grupo de sonhadores – mas não apenas – também realizadores, que acreditam na educação como principal forma de desenvolver a autonomia dos sujeitos em prol do desenvolvimento societário mais justo e igualitário, trabalhando dentro da sala de aula na construção da arma mais eficaz contra o opressor que busca o controle social, o saber; o se reconhecer enquanto ser social capaz de construir um olhar crítico sobre sua própria realidade, tomando consciência de seu papel na sociedade e suas potencialidades através da educação e de um futuro caminho profissional. E o curso de Serviço Social da UNIFESP surge nesse processo como agregador na construção desse objetivo, trazendo suas contribuições teórico-metodológicas capazes de fortalecer esse movimento, além de ampliar os espaços de aprendizagem aos estudantes da graduação, tendo maior contato prático e pedagógico com a educação, que é um campo de atuação importante do profissional de Serviço Social.

Ao estudar, analisar e elaborar essa pesquisa, buscou-se mostrar que a inserção do estudante e profissional do Serviço Social da UNIFESP dentro do cursinho Cardume, em um contexto de desigualdade social que visa uma emancipação dos sujeitos, pode proporcionar um novo espaço de aprendizagem aos ingressantes. Pelo fato de promover reflexões teórico-críticas que articulam as áreas do conhecimento com temáticas que visam o cotidiano da vida social. Promover, assim, estratégias que encarem esse enfrentamento; o Serviço Social pode contribuir nesse processo. Esta



hipótese se confirma possível, pois a articulação e possível aproximação do curso da graduação ao espaço do cursinho é legítima e não distante, tendo os próprios estudantes avaliado como importante o se desenvolver dessa prática, não só do Serviço Social como para além, o curso de Psicologia e Nutrição, também presentes no Campus.

No mais, a importância de espaços educativos como o Cardume, não podem ser pouco exploradas ou valorizadas por entender-se que é um importante instrumento de luta contra os contínuos sucateamentos que a educação brasileira vem enfrentando quando fala-se de propostas como o projeto de lei 867/2015 Escola sem Partido, que não reconhece a importância do desenvolver crítico, de tolerância e quebra de preconceitos desde a escola, fortalecendo um movimento amplo na sociedade na manutenção de um conservadorismo que oprime e põem em risco a liberdade dos indivíduos.

Por fim, exponho as palavras de Marilda Iamamoto que nos traz suspiros de força ao reconhecer que os profissionais do Serviço Social se fazem presentes e fortalecidos na luta e que isso, nos deve servir de impulsionamento para seguir construindo e lutando por novas perspectivas através do nosso trabalho.

Os assistentes sociais, apesar do pouco prestígio social e dos baixos salários, formam uma categoria que tem ousado sonhar, que tem ousado firmeza na luta, que tem ousado resistir aos obstáculos, porque aposta na história, construindo o futuro, no presente. (IAMAMOTO, 2012, p. 80)

## Referências Bibliográficas

ALVES, C; COBRA, C. Políticas Públicas de Educação no Brasil: possibilidades de emancipação? – RG&PP vol. 3(1): 132-151, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97890/96684>>. Acesso em: 05 de out 2018.

BRASIL. *PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação*. Governo brasileiro. Disponível em: <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em 03 set 2018.

BRANDÃO, C. R. Educação Popular – Primeiros Voos. São Paulo, 1984.

CARDUME, Cursinho Popular. Projeto pedagógico do cursinho popular Cardume, 2014 – UNIFESP.

CAVALCANTE, M. M. S; MATIAS, E. F; OLIVEIRA, D. K. L. Política educacional no Brasil: cenário histórico e as repercussões na década de 1990. Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN 2316-1086, Realize editora, 2015.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Paidéia, 2003,12(24), 149-161 – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>> Acesso em: 13 nov 2018.

FALEIROS, V. P. Estratégias em Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. Educação e mudança. 25ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1979.

IAMAMOTO, M. V. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 3. ed. - São Paulo, Cortez, 2000.

MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/196-658-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/196-658-1-PB%20(3).pdf)>

MEC. Base Nacional Comum Curricular, BNCC – Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 11 set 2018.

MUHL, E. H. et al. Educação em Direitos Humanos. 2016, Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE) – Passo Fundo – RS.

NOVAIS, L. C. C. et al. Serviço Social na Educação – Grupo de estudos sobre Serviço Social na educação. Brasília. CFESS, 2001. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/SS\\_na\\_Educacao\(2001\).pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/SS_na_Educacao(2001).pdf)>. Acesso em: 13 de out 2018.

PIANA, MC. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>>. Acesso em: 03 de nov 2018.

## Sites

Portal do Ministério da Educação: < <http://www.mec.gov.br/> >

Projeto Cursinho Popular Cardume. 2014, UNIFESP. Disponível em: <<http://www.unifesp.br/campus/san7/cursinho-popular-cardume>>

## Anexos

### Anexo 1

#### Grupo Focal desenvolvido em 08/11/2018

**PESQUISADORA:** Bom, algumas perguntas para eu entender como é para vocês alguns processos tipo da educação em geral, mas principalmente a relação vocês com o Cardume e o Cardume com o espaço que vocês estão que é a Unifesp, tá? A primeira pergunta é: **qual é o papel que o Cardume vem desenvolvendo para vocês, na vida de vocês, como isso tem atingido e influenciado e como tem sido essa troca.**

**V.** O Cardume me ensinou muito, assim, no meu senso crítico, no modo como eu olho as coisas ao redor principalmente na situação política atual que a gente tá vivendo. Ele trouxe tipo tudo, um senso, assim, para você querer descobrir mais, querer saber mais, e apesar, assim, de tudo foi a melhor coisa que me aconteceu esse ano.

**R.** Bom, como a V. mesmo disse, tipo, o Cardume me fez ter outras visões do mundo, como a educação, política, conviver mais em sociedade, porque faz tempo que eu não estudo e questão também de ver como a educação que a gente tem no Ensino Médio é tipo diferente, no caso mais escassa. Porque aqui a gente tem a oportunidade de falar e também de aprender com os professores que são voluntários.

**K.L.** No Cardume eu senti uma liberdade mais ampla assim né, porque eu conheci pessoas diferentes de todas as idades, todas as cores e tipo isso foi muito bom porque dentro de uma sala tinham muitas visões diferentes sobre o mesmo assunto e isso abre mais ainda a nossa cabeça para o mundo lá fora, entendeu? Não é só uma realidade, são várias. Isso de professores aos alunos, e os alunos também procuram se ajudar muito, não os professores como também os alunos, acho que foi isso que mais me chamou atenção, que mais me agradou no curso.

**T.S.** Então, quando eu cheguei no Cardume eu confesso que eu tinha um certo preconceito, porque eu cheguei aqui em uma realidade totalmente diferente da que eu convivo e como foi citado, tipo, pessoas de vários gêneros, várias manias, vários trejeitos, vários pensamentos, várias visões diferentes, e aqui a gente começa a aprender que a gente não é o dono do mundo, né? Existe muito mais gente ao nosso redor e as pessoas pensam diferente e por pensarem diferente, elas não estão erradas. É simplesmente a opinião delas e a gente precisa respeitar para viver em sociedade. O Cardume me trouxe uma visão crítica melhor, o Cardume me fez lembrar o que é a educação de verdade, porque eu confesso que não estudei merda (sic) nenhuma no Ensino Médio e aqui foi um lugar onde eu pude falar não. Realmente, esse aqui é um lugar onde eu vou estudar e adquirir conhecimento. Então o Cardume foi muito bom para mim, não só no sentido educacional didático, mas também no sentido educacional como cidadão e como ser humano.

**M.** Bom, na minha opinião eu acho que o Cardume é a possibilidade de um sonho... acho que praticamente todo mundo que sempre correu atrás, sempre quis alguma coisa a mais, sempre sonhou com uma universidade pública, mas se você não era uma pessoa que tinha condições, era algo impossível ou muito longe, e o Cardume é essa escada, sabe, para você chegar até lá nos seus objetivos... acho que não só isso, se você for levar para o âmbito do que é o Cardume na vida de uma pessoa que fez Cardume, ele é uma porta, sabe, aonde você muda totalmente, você não só vira uma pessoa que pode correr atrás de seus sonhos, mas você vira uma pessoa diferente, sabe? Você muda sua concepção, você conhece pessoas de todos os jeitos, idades e histórias e principalmente aquela atividade [Círculo de Cultura desenvolvido no início do ano mediante a metodologia freiriana] que a gente teve no começo em que as pessoas se abrem para as outras, sabe? Muitas vezes é a primeira vez que a pessoa está fazendo isso, no meio de tanta gente estranha, e ela não faz isso em casa com quem tá lá, é porque isso daqui é um espaço para você realmente ser quem você é... você consegue ser você mesmo e correr atrás do seu sonho, então acho que é muito incrível.

**L.R.** Para mim é a mesma coisa, basicamente o que ele falou... para mim eu deixei de ser muito alienado porque eu vivia muito no meu mundinho, eu achava que aquilo que eu achava que estava certo e a opinião das pessoas não importavam, e aqui no Cardume eu aprendi que não, que a diversidade ela sim deve ser respeitada e representada e que cada um, do seu modo, pode tentar mudar o mundo do seu jeito, aqui no Cardume eu vejo muito isso, muitas pessoas de várias classes sociais, de vários jeitos, convivendo e se respeitando, com sua alteridade entre outras coisas e... é uma porta mesmo como ele falou [M.], para entrar na universidade... aqui eu percebi que muitos cursinhos têm o que não tem... eu participei de palestras de outros cursinhos e eles são muito fechados, eles tratam cada aluno como se fosse uma máquina, só que de concorrência, que você tem que passar ou você passa, senão se você não passar, você não é ninguém... no Cardume não, eles falam 'se dessa vez não deu, tenta que no ano que vem dá, é só se esforçar'.

**T.C.** Eu acho que me deu um papel de esperança... eu não tinha mais esperança porque o meu pai não tinha condições e aí eu estava mais no meu mundinho de que eu não ia conseguir nada e o Cardume me deu uma esperança que eu pensei que nunca ia conseguir, e mesmo se eu não passar esse ano, eu tenho certeza que tipo daqui a um tempo eu vou passar porque o Cardume me dá essa esperança, sabe, eu vejo pelos professores que, teve professor que 'acertou quantos', o outro 'tirou quanto', mas também tem aqueles professores que não conseguiram naquele tempo, mas eles conseguiram depois, e isso motiva mais, a querer estudar, a querer um dia chegar no nível deles, sabe?

**K.A.** o Cardume deu esperanças a quem buscava obter um conhecimento e ingressar em uma faculdade, para mim foi uma experiência incrível, onde aprendi que a força de vontade em querer estudar é o que realmente importa. O Cardume foi uma boa

oportunidade de estudos que tive em 2018, me dediquei com uma intensa rotina afim de conseguir um grande resultado e percebi que independente do que aconteça eu já me sinto realizada por ter feito parte dessa família e por ter adquirido ao longo do ano conhecimentos que levarei para a vida.

**C.** Quando eu há muito tempo já estava tentando entrar nesse curso, quando eu chegava nunca conseguia entrar aqui, nesse ano eu consegui entrar. Eu achei que iria encontrar pessoas diferentes, né? Tipo, classes social acima da minha, mas cheguei aqui e vi que todo mundo é popular mesmo, e eu aprendi bastante embora o meu Ensino Médio eu ainda peguei um Ensino Médio bom, razoavelmente bom, né, não era tão defasado como está sendo hoje em dia. Eu vejo que meus filhos são diferentes de mim, o ensino é diferente, eu aprendi bastante, mas é que como eu fiquei muito tempo sem estudar, eu vi que eu aprendi também muito mais, abri meus horizontes, me abriu outros horizontes, hoje eu sei que eu consigo chegar numa faculdade igual a todo mundo, né? Eu não tinha essa esperança agora com esse curso aqui eu tenho mais esperança e tenho certeza que eu vou conseguir.

**PESQUISADORA:** Em que ano a Sra. terminou o colégio? Só para contextualizar.

**C.** Eu terminei o colégio já tem uns 20 anos... é, 20 anos.

**PESQUISADORA:** Quais as questões sobre o ensino público fizeram vocês recorrerem a um espaço como o Cardume?

**C.** Uma porque eu fiquei muito tempo sem estudar, fora da escola, e outra financeira mesmo, meu financeiro, eu não tinha – continuo não tendo – condições de pagar uma escola particular para poder fazer um [cursinho] pré-vestibular, então eu recorria a esse espaço por isso.

**T.S.** Assim, recorrer a esse espaço mostra que realmente a gente quer estudar, né? Eu acredito que quando a gente chega no Ensino Médio a gente vai muito por obrigação, muito por ter que terminar o Ensino Médio e tudo o mais, a gente acaba levando ali tudo de qualquer forma, a gente marca presença ali, tem a nossa bagunça e tal, passou de ano e 'boa!'. Aqui acredito que se a gente vem para esse lugar, esse ambiente, recorre a esse lugar, a gente realmente quer estudar e quer ter uma perspectiva, realmente quer ter uma mudança, realmente quer ter um aprendizado, então acredito que essa seja a diferença. E sem falar que a gente vê a vantagem dos professores que são voluntários e, mano, eles fazem cada coisa que professor de escola pública às vezes não faz, não generalizando porque é uma questão de caráter, né, não chega a ser questão de ser público ou do Cardume e tal, mas eu acredito que o principal foco seja esse, pelo Ensino Médio ser algo obrigatório entre aspas, né, e o Cardume não, de ser algo que você vai de livre e espontânea vontade se você quer aprender realmente.

**L.L.** As questões que me fez recorrer ao Cardume acho que foi basicamente financeira, mas também por saber que esse lugar, o Cardume em si, ele é um espaço em que tem muita interação entre as pessoas e uma liberdade de expressão maior, pra falar e tal com os professores também, acho que é um ambiente diferente do Ensino Médio como o T. falou, com uma questão da didática também e da vontade de estudar e de comparecer nas aulas e prestar atenção, porque muitas vezes no Ensino Médio você não consegue aprender, porque tem muita gente falando e tal, e aqui é uma coisa, o professor tá lá na frente, ele é voluntário, sabe, ele tá ali para te passar o conhecimento e você absorver o conhecimento, e também falar sabe, você tem um espaço de falar sobre o que você tem dúvida ou sobre o que você sabe também, então é isso que me fez recorrer a esse cursinho.

**M.** Eu acho que infelizmente é muito o descaso público, infelizmente a escola pública faz você migrar para algo que você realmente não quer fazer, porque ela não te dá a chance de correr atrás do que você realmente quer, ela te dá o que te deixa a mercê da vida, o que você conseguir é lucro, sabe... então o... vir para o Cardume é você tentar correr atrás do que não te deixaram correr, sabe, é, querendo ou não, provas para a faculdade, ENEM... a gente sabe que, principalmente o Cardume é responsável por humanizar tudo isso, mas a gente sabe que é uma concorrência e que são números, é o que vai importar no final das contas para você passar. Mas infelizmente pelo ensino público você acaba começando essa corrida lá atrás, e muitas outras pessoas lá na frente... e se você não recorrer a algo assim, você não chega junto, você não consegue se nivelar e chegar lá, então o que me fez migrar para o Cardume da escola pública foi a necessidade de poder ter um ensino de uma qualidade melhor e poder correr atrás do que a escola pública não me deu e um cursinho popular pode me fornecer.

**T.C.** Faço das palavras deles a minha, meu EM foi péssimo, porque os professores... muitas (vezes) nem tinha professor porque tem essa história de você ir e não ter professor, sabe? Muitas aulas vagas eu fiquei, e professores que faziam pouco caso, tipo 'ah, completa aqui a apostila que eu te dou nota'... e eu não queria isso, eu quero aprender e eles nunca estavam nem aí... e a gente passou por um amigo meu no final do ano passado e ele falou 'olha, vai ter um concurso aí para você entrar no cursinho, e aí, você quer?'... eu fiquei muito animada, era uma oportunidade única, porque, mesmo sem saber a nota do ENEM eu sabia que eu tinha ido mal porque eu não sabia quase nada, tive que chutar muita coisa, fui péssima e minha nota foi horrível, mas... eu falei... eu tive uma esperança, e é o que ele falou [L.R.], qualquer coisa se for ruim eu largava, mas não foi. Só deu vontade de ir mais, de querer mais e de querer estar juntos com eles mais.

**L.R.** O meu ensino público não foi tão ruim quanto muita gente relata, lá a gente tinha oportunidades de fazer redações para o ENEM, quem se importasse, eles não corriam atrás dos alunos, eles estavam pouco se lixando (sic) mas quem queria, eles davam muita atenção, mas acho que faltou muito... quando eu fiz o meu primeiro ENEM, eu sentia a necessidade de fazer um curso porque eu fui muito mal... muitas coisas...



Literatura eu nunca tive, eu nem sabia que tinha matéria de Literatura que caía no ENEM, quando eu cheguei lá e vi que tinha questões literárias eu pensei: 'meu Deus o que eu respondo?'... aí eu fiquei sabendo através de uma amiga do Cardume, que existia o Cardume, e eu vim porque eu não tinha condições de pagar um cursinho particular, que é muito caro, aí eu vim pro Cardume meio naquelas assim... será que vai ser um EM? Será que eu não vou ter as mesmas coisas do EM? Mas eu pensei, ah, qualquer coisa eu ligo! Já terminei o estudo mesmo... cheguei aqui e vi outra coisa bem diferente, fui muito bem acolhido, o ensino é bem superior ao que imaginei, não tem nem comparação, os professores são, mesmo não ganhando, eles dão o maior suporte, se chama em redes sociais para tirar dúvidas eles tiram, e foi isso que me fez mudar para o Cardume, a esperança mesmo de ter um ensino melhor.

**K.A.** Questão financeira foi o motivo pelo qual eu participei do Cardume, eu o encontrei por meio de amigos e me interessei com a proposta de um cursinho público, talvez por eu ter interesse em ingressar em uma faculdade federal senti uma confiança maior no projeto. Assim que cheguei para o processo seletivo me impressionei com a infraestrutura da Unifesp, principalmente com a biblioteca, que de fato influenciou bastante nos meus dias de estudo.

**PESQUISADORA:** Qual o papel que a Unifesp, enquanto universidade, vocês acreditam que vem desenvolvendo no Cardume?

**V.** Acho que o papel da Unifesp, é fundamental, em questão, assim, de tudo, estrutura, você tem a oportunidade de estar estudando aqui dentro, nas bibliotecas, você tem acesso à internet, além disso, você está em contato, assim, com outras pessoas, você está em contato também com outros projetos que a Unifesp desenvolve, como: os debates abertos, as apresentações artísticas, você por estar participando do Cardume e por você estar nesse ambiente, você ao mesmo tempo está em contato e você tem acessibilidade a tudo isso, então a estrutura da Unifesp é fundamental.

**R.** E também pelos alunos serem voluntários também né, eles são estudantes ainda e estão dando aula para a gente. Tipo, eles estão aprendendo ainda e estão passando conhecimento para gente, isso é muito importante, essencial.

**C.** Então, como a colega falou, o espaço é importante e também eu acho que é bem acessível o local, onde fica situado, é bem acessível para as pessoas e também tem o laboratório e a questão dos próprios alunos, você não fica tão – por exemplo o meu caso – eu não me sinto tão distante da faculdade porque os próprios alunos são seus professores, então eu acho isso muito importante, é bem importante isso para a vida da gente, que você não se sente tão distante do professor, do aluno pro professor você vê que a distância não é tão grande, né. É isso.

**M.** Acho que é um papel fundamental junto com o dos professores, se divide isso aí... se divide tudo o que é o Cardume entre a UNIFESP e os professores, porque a UNIFESP cede o espaço... ela cede o data show, a lousa, para poder se usar, fornece os alunos que nos dão aula... graças a ela poder canalizar todas essas pessoas que

dão aula aqui e fazem esse projeto acontecer, então eu acho que a UNIFESP ela é a grande engrenagem... os professores são os motorezinhos que fazem tudo isso girar, mas não seria possível sem a UNIFESP, sem o espaço... é o que acaba não deixando muitos cursinhos populares como esse acontecer, né? A falta de uma instituição que ceda o espaço, acredite que realmente é um trabalho social que vale muito à pena e que está ali nas mãos dela o futuro do Brasil, que são os jovens, então ela acreditar em tudo isso e ceder o espaço a jovens que não passaram no vestibular dela [a universidade], que não têm matrícula, que não têm nada, e ela mesmo assim permitir que a gente esteja aqui, eu acho que é muito importante.

**L.R.** Então, basicamente isso aí que ele falou, e esse negócio também de ceder o local, a gente vem até mais cedo utilizar os laboratórios, os computadores para a gente poder estudar, é muito importante porque se não tivesse isso, muitos não teriam acesso à internet porque muita gente não tem, mesmo morando na Baixada, e o local também, porque eles acolhem a gente como se fosse um aluno mesmo, da instituição, e eu acho isso bem bacana, sem o papel da UNIFESP o cursinho não teria como acontecer.

**K.A.** O cursinho foi criado há 5 anos e vem se desenvolvendo graças ao apoio de alunos da facul (sic) e professores voluntários que dão aulas e se dispõe a ajudar. Acho que a maior contribuição foi o espaço oferecido pela faculdade, a infraestrutura é fantástica e isso gera um entusiasmo maior para recorrer aos estudos.

**T.S.** Assim, o papel da instituição em si, da importância dela, como já foi citado, abrir o espaço, nos deixar fazer parte disso aqui já é algo fundamental, abrir as bibliotecas, dar acesso aos laboratórios, dar acesso aos debates, dar acesso à feira de profissão e tudo o mais, e sem falar que quando a gente está num ambiente onde já tem vários universitários, a gente acaba meio que teoricamente estando mais próximo, a gente tira meio que quebra um conceito da nossa cabeça de que é algo tão impossível, sendo que não é. A gente vê que eles são tão ser humanos, e tão normais quanto a gente, estudam tanto quanto a gente. A gente acaba vendo que é questão de se esforçar e a gente querer estar ali, mas assim, é extremamente fundamental o papel da instituição porque se a instituição não abrir as portas, onde mais a gente teria uma estrutura com data show, com biblioteca e livros que a gente pode pegar, entendeu, e tudo mais assim, bem fundamental.

**T.C.** Faço das palavras deles a minha, mesmo porque a UNIFESP tipo, foi algo que... é a minha faculdade dos sonhos, espero muito entrar ((risos))

**PESQUISADORA:** Que curso você quer fazer?

**T.C.** Medicina, mas é lá em São Paulo... mas então, a UNIFESP é isso mesmo que ele falou, é basicamente isso, você vai e tem acesso à biblioteca, você pode pegar os livros lá, lógico, devolvendo, mas você pode... ter um acesso a isso, usar o computador... uma vez estragou o computador lá de casa, o notebook estragou e eu tinha o laboratório ainda para estudar, sabe, isso é maravilhoso.



**PESQUISADORA:** Vocês se sentem integrados a isso?

**T.S.** Com certeza!

**R.** Muito!

**C.** Muito!

**PESQUISADORA:** Bom, já que vocês começaram a falar um pouco sobre os alunos, da graduação e tal, a próxima pergunta era bem por aí. **Qual as relações que vocês têm com os alunos da graduação?**

**C.** Então, a minha relação com os alunos se tornou muito próxima, frequentando o mesmo ambiente, então a relação é bem próxima, assim, além dos alunos que trabalham, que dão aula no cursinho com a gente também os outros que não são professores, mas que são da universidade, a gente acaba se integrando com eles também, então a gente vai se aproximando pouco a pouco. Já me sinto até uma universitária ((risos))

**T.S.** Assim, uma interação pelo menos para mim foi um processo meio lento, porque como eu disse eu cheguei aqui com muitos preconceitos, com muito uma ideia formada, com a cabeça feita, e não é bem por aí. Mas hoje, bem no final do curso já, eu vejo que a interação é outra coisa, assim, eu já conversei com gente da nutrição, que é a área que eu quero fazer, já conversei com gente de Psicologia, de assistente social, já teve até debate político, teve de tudo. Assim, é algo bem legal porque é um contato bem próximo, a gente chega, está todo mundo ali, e eles entregam pesquisa e eles chamam pra estar ali no meio do debate, eles querem ouvir nossa opinião, eles querem saber, porque além de tudo, além de a gente estar aqui junto com outros universitários, nem todo mundo é da Baixada [Santista], da cidade, então acaba rolando um meio de interação por serem de outros estados, outros lugares e querer saber e... é bem legal.

**M.** Dois pontos, né... os alunos da graduação que estudam na UNIFESP mas não dão aula para a gente são inspirações, a gente se inspira neles, a gente sabe que... porque... são pessoas assim como a gente... a gente tem muito aquela visão de que só um determinado número de pessoas ou um determinado grupo social consegue passar em universidade pública, mas quando você realmente entra e vê que existem pessoas de todas as raças, todas as cores, tudo sabe? Diferentes histórias, algumas parecidas com a sua e quando você vê essas pessoas você fala 'meu, parece comigo, teve as mesmas dificuldades, se ele consegue estar lá eu também consigo'. Você olha para aquilo e vê que dá sim para conseguir. E para os alunos da graduação que dão aula para a gente... acho que sem palavras, são as pessoas que... seriam... são pessoas que eu serei eternamente grato, são pessoas que inspiram a gente até mais do que isso, uma das minhas vontades, além de me formar, é um dia dar aula, tenho muita vontade de fazer isso... não é exatamente isso o que eu quero recorrer, não é o curso que eu quero, porque eu quero fazer engenharia, mas eu quero um dia dar aula

muito por vocês, que dão aula, porque eu quero poder compartilhar desse sentimento, de poder ajudar o outro e eu acho que, mesmo parecendo muito sonhador, ver pessoas que mesmo com tanta coisa para fazer com a faculdade, que é uma coisa muito puxada, tiram um tempo para cuidar de quem quer estar lá também... vê com um olhar mais humano, poxa, tantas pessoas que nunca me viram, não me conhecem, não são nada da minha família nem nada, pensam em mim, tentam me ajudar, sabe, realmente dedicam um tempo... então vocês são verdadeiros heróis, acho que é... são pessoas, assim, acima da média em todos os quesitos, são pessoas simplesmente fantásticas, incríveis.

**L.R.** Ah, a minha relação com o pessoal da UNIFESP é bem de boa, eles não... nunca olharam torto, nunca destratarem, ao contrário, quando a gente passa e está sentado na escada ou na salinha, eles perguntam, 'ah, vocês são do cardume, né?', a gente fala 'ah somos sim!', aí eles 'ah, e aí, vocês estão gostando da universidade? Como o povo está sendo, de boa?', se o cursinho é legal... eu tive o contato de conversar com duas pessoas, um menino da Psicologia e um da Nutrição e a gente trocou bastante ideia, eles falaram que meu sonho é possível, que eles passaram por isso e aquilo (sic), 'o meu pai faleceu, eu não tinha condição de vir, mas deu tudo certo e eu estou aqui'... principalmente os professores [do cursinho] que fazem graduação, eles são incríveis, eles inspiram muito a passar... até comentei com a minha colega que quando eu passasse na faculdade eu iria procurar algum cursinho que nem o Cardume e queria dar aula... de Biologia, Redação... mesmo que eu não manjasse da matéria, procuraria estudar por fora para poder passar, como eles fazem, e eu também conversei com uma professora da redação, e ela falou que realmente é puxado, mas dá para se dedicar e fazer, acho que é inspiração mesmo, olhar para eles e pensar 'se eles conseguiram, por que não consigo? Se eu me esforçar o tanto que eles se esforçaram, ou até mais, eu consigo também'.

**T.C.** Foi o que ele falou, ninguém aqui nunca olhou para a gente torto, em nenhum momento, ele sempre tratou a gente super bem, perguntam como a gente está... uma menina chegou a perguntar até como está o meu psicológico depois do ENEM, porque ela sabe como é, né, como fica e tipo... eles sempre trataram a gente super bem, eu acho que eles tratam a gente até como se fosse aluno, entende? E tipo é algo que eu achei que não seria tratada aqui, eu achei que eles iam chegar com o nariz em pé achando que eles são donos daqui e a gente é intruso, mas não... eles nem ligam, eles nem se importam, eles tratam você super bem... eles perguntam se você quer ajuda em alguma coisa, isso para mim é ótimo.

**K.A.** Eu sou muito tímida, mas mesmo assim consegui conhecer pessoas que puderam me explicar melhor sobre os cursos oferecido pela UNIFESP ,desde professores do Cardume, plantonistas como também alunos da própria universidade me fizeram sentir mais próxima da realidade que é estar dentro da facul (sic).

**PESQUISADORA:** Ainda dentro dessa questão sobre os universitários da graduação, aconteceu alguns eventos, como a semana de profissão que vocês lembraram, vocês

tiveram acesso a esse evento, tiveram um contato próximo aos graduandos, como se deu isso? Vocês vieram?

**L.L.** Então, eu compareci a feira de profissões e eu acho que foi bem acessível porque alguns professores [do cursinho] chamaram a gente pra descer e conferir como estava e tal, e se alguém tinha interesse em algum dos cursos que eles estavam apresentando, eu mesma fui para a aula de Psicologia, que não é uma coisa que eu quero mas eu queria saber como era o curso e eu achei bem interativo a questão dos palestrantes que estavam falando sobre o curso e a gente, e acho que isso faz ... nosso universo, assim, de vestibulando e uma pessoa que faz uma faculdade bem próximo.

**PESQUISADORA:** Estar inserido em uma universidade pública como a Unifesp tem algum impacto positivo para vocês? Mirando um pouco o futuro, nesse processo de ser vestibulando, as coisas serem um pouco nebulosas e estar em um espaço como esse, é algo que agrega alguma coisa?

**R.** Sim, até porque eu quero fazer uma faculdade federal e tipo aqui me fez ver, tipo, como funciona já que eu nunca estudei em tempo integral e a maioria dos cursos aqui é integral e que as pessoas além de estudar, elas têm ainda outras atividades. Dá para você ter uma ideia de como vai ser o seu curso.

**V.** Sim, tipo... eu tive muito contato, muita amizade com a galera que é daqui da faculdade mesmo, então isso incentiva muito e inspira muito. Eu vejo as coisas boas e as coisas ruins, as dificuldades que os alunos passam e dá pra você se assemelhar, se assegurar e já ter uma ideia em mente de como é a vida do universitário, as coisas que você vai passar ( ) exatamente uma realidade próxima a você, né?

**T.C.** Eu entrei no cursinho pensando em fazer uma faculdade privada, só que eu acabei me apaixonando pela Unifesp, e eu queria muito que tivesse meu curso aqui porque eu sou apaixonada por esse prédio e por essas pessoas, só que não tem, mas eu vou tentar uma federal (...)

**PESQUISADORA:** Qual curso que você quer?

**T.C.** Direito, eu quero fazer direito, aí eu to procurando uma Unifesp que tenha esse curso e eu espero que seja a mesma coisa daqui, porque é muito bom porque eu me sinto muito acolhida, tanto pelos alunos do Cardume quanto pelos da universidade mesmo.

**C.** Então, a Unifesp na minha vida... é foi muito bom... que eu sempre tive ... eu moro aqui perto e eu não conhecia a universidade, sempre quis conhecer, quis conhecer, mas nunca tive a oportunidade, só esse ano que eu tive a oportunidade de conhecer, eu vi que... dá para a gente fazer um curso aqui tranquilo, só que o curso que eu queria fazer não tem aqui, que é pedagogia. Vamos esperar aí que o Estado implante esse curso aqui que é bem pertinho da minha casa e o contato com os universitários também abriu bastante o horizonte que a gente... dá pra estudar sim, é difícil, é

complicado? É. É cansativo? É. Mas dá, dá para a gente conseguir sim estudar e levar a vida, uma vida tranquila.

**PESQUISADORA:** Dona C. para você, que é alguém aqui do bairro [Vila Mathias, em Santos], você já morava antes da UNIFESP se instalar aqui? Você viu todo esse processo da entrada da Universidade?

**C.** Sim, eu já morava.

**PESQUISADORA:** Como foi para você, enquanto uma moradora local; como é o olhar de uma pessoa aqui da região para a UNIFESP e como foi para você a sua entrada aqui, já sendo uma pessoa do bairro, e agora adentrando a UNIFESP de forma participativa?

**C.** Então olha, quando iniciou a implantação da UNIFESP lá do lado da minha rua eu fiquei bem feliz, mas eu achava que não era para o pessoal do bairro, né, para o pessoal da cidade. Aí como aqui existia um projeto que eles trabalhavam na comunidade, eu conheci o pessoal daqui lá onde eu fazia... um trabalho comunitário no projeto ... é um projeto de moradores... casas populares, né, então eu fazia parte desse projeto e eu conheci o pessoal da UNIFESP lá. Logo no primeiro cursinho eu quis fazer, mas como eu trabalhava a noite e tudo, eu não tinha condições. Eu achei que a universidade não era para o pessoal daqui, mas aí eu acabei vendo que se a gente... quando as pessoas querem, as pessoas correm atrás e dá sim. Até o meu filho está pensando, que ele vive sempre aqui, a universidade também propiciou esse espaço para ele conhecer e os meninos daqui de perto também vê que eles têm condições de fazer uma universidade.

**PESQUISADORA:** Mas você acha que ainda tem uma certa barreira entre as pessoas que são aqui da região com a universidade? Assim, um estranhamento das pessoas em relação à universidade.

**C.** Eu acredito que sim, porque as pessoas que moram aqui mesmo, elas trabalham, trabalham, vão pra casa, dorme e volta... a não ser aquelas que querem mesmo, né, e vão atrás, que correm atrás e que acham... por exemplo, meu filho sempre achou que ele não tinha condições de fazer uma universidade, então, ele frequentando aqui, o espaço da universidade, o laboratório, vindo nas feiras, com a Rádio Silva que ele vem integrando, eles começaram – ele e os amigos – a ver que eles tem condições sim, a universidade tá cada vez mais se integrando ao pessoal da comunidade aqui do bairro.

**PESQUISADORA:** Bom, então para finalizar, **de que forma a graduação poderia contribuir com o cursinho? Como vocês acreditam que os cursos da graduação, poderiam desenvolver um papel dentro do cursinho?**

**T.C.** Fazendo o que eles já fazem, né, dando aula, trazendo conhecimento para nós e não ajudando só os alunos como ele também, então, tipo, o cursinho é uma mão de via dupla, entendeu? Não ajuda só um lado, ajuda os dois... e isso é maravilhoso

porque os dois aprendem juntos, caminham juntos e isso é muito bom, é muito importante.

**V.** Eu acho que seria legal também, é que eu não sei que ano que um aluno de Psicologia poderia fazer tipo um estágio com os próprios alunos, não que isso já não aconteça [de maneira informal na relação educadores X educandos], mas é que um aluno de Psicologia está mais voltado para isso, por causa que em um ano de vestibular nós, vestibulandos, a gente desacredita muito do nosso potencial, se você vai realmente conseguir... esse tipo de coisa, então, assim, os alunos de Psicologia, só de eles estarem em contato, perguntando do seu desenvolvimento e se interessando por você, isso dá uma força para o aluno, acho que isso seria legal também.

**C.** Olha, assim, eu vejo que os alunos de Psicologia, além do cursinho, acho que deveria ser mais... expandir, não só para o cursinho, mas abrir as portas para o, no caso, aqui só tem duas classes, né, de cursinho... eu acho que poderia ampliar para dar mais oportunidade para o pessoal de Psicologia e estar em contato com o pessoal do cursinho, com os pré-vestibulandos e também abrir para a comunidade, eu acho que seria uma boa, viu? O pessoal de Psicologia trabalhar com o pessoal de fora também, acho que isso é bem interessante.

**L.L.** Então, uma outra saída também para incluir os cursos da faculdade da graduação no cursinho, seria, além de Psicologia e Serviço Social, seria também o curso de Nutrição, por ser exatamente um ano complicado e difícil para os vestibulandos se alimentar e ter a consciência de comer certo e etc., traz energia para poder justamente estudar e focar no que eles estão estudando e seria muito bom se tivesse essa conexão entre esses cursos, além de Psicologia e Serviço Social.

**M.** Bom... vendo pelo ponto de vista técnico da... de toda a situação, do contexto, acho que são de maneiras imensas, porque geralmente quem está fazendo graduação, falando primeiro do que seria a ajuda da graduação e a especificação do que seria essa graduação que seria cada curso... geralmente quem está fazendo a graduação é mais novo, então é mais fácil para falar a mesma língua que a gente, entende? É muito mais fácil você entender quem fala a mesma língua que você, ali, sendo mais jovem, entende o que está passando pela sua cabeça, como são as coisas, então geralmente a pessoa estar na graduação é uma... uma porta maior para a didática e... o curso em si é um embasamento necessário para se conseguir dar aula, então a gente tem o Serviço Social, a Psicologia, aí muito fortes na área de humanas, tanto na parte escrita, como na redação, Filosofia, Sociologia... acho que são matérias que só conseguem ser dadas aqui por esses cursos que fazem toda essa preparação com os alunos, e eles conseguem trazer para gente essa carga de uma maneira bem completa, exatamente como seria o ideal nas escolas.

**L.R.** Eu acho que é da mesma forma que já está acontecendo... os alunos [da graduação] mesmo não tendo muito tempo por fazer faculdade integral, disponibilizam um pouco do seu tempo para conseguir entrar na sala e conseguir passar o que eles

sabem, que a gente aprende no Cardume que um aprende com o outro, não tem professor lá na frente, tem alguém que está passando um pouco do que sabe e que ele pode absorver também do aluno. Eu acho que os cursos, que ele falou que é de humanas ensina muito a gente a ser humano, olhar para o próximo, não só como um objeto de carne ambulante (sic), mas como um ser que tem sentimentos, que passa por lutas como a gente passa e acho que a graduação aqui ajuda muito, muito mesmo... é na esperança de poder um dia passar, a gente vê muitas pessoas com dificuldades, como quando teve aquela greve dos cortes e a gente viu que eles não desistiram, que eles continuaram e falaram para a gente 'não vai ter corte, vocês também não vão sair, o Cardume também faz parte da universidade'... eu acho que isso é bem legal da parte deles, ter essa importância e a ajuda que eles trazem.

**T.C.** Eu acho que ter graduação aqui meio que me fez ter ideia do que eu quero e do que eu não quero, tipo, a gente tem contato com eles do que eles vivenciam todo dia, do que eles passam, das aulas que eles têm, a gente meio que passa sim... do lado dá para escutar... e meio que assim dá para ter uma ideia do que você quer, entendeu? Abrir meio que a nossa mente para as coisas.

**K.A.** Acho que já contribui com o cursinho, porque os voluntários já estão dentro da facul (sic), daí conseguem passar esse lado real da rotina de um universitário pra gente e eles sempre se mostraram abertos a perguntas e tudo mais! Talvez dando palestras sobre os cursos seria uma opção...

**PESQUISADORA:** E ainda nessa pergunta sobre os cursos, como a graduação poderia colaborar com o Cardume, eu queria focar mais no meu TCC, que é uma relação de como o Serviço Social, enquanto graduação, poderia se inserir no Cardume.

**R.** O curso de Serviço Social é um apoio para as pessoas, então como a V. falou, tanto o curso de Psicologia, quanto o de Serviço Social, também dariam apoio para a gente, estrutural e psicológico também, porque é um ano difícil, tem muita gente que trabalha e estuda, então você vem para cá sobrecarregado e seria um meio de desabafar, são pessoas mais capacitadas para escutar a gente e dar uma resposta que a gente precisa, entendeu?

**PESQUISADORA:** Um suporte? Para as demandas trazidas por vocês?

**R.** Isso!

**PESQUISADORA:** Vocês trazem demandas, né? Não é todo mundo, isso chega até a gente enquanto educadores... acontece... talvez até alguns de vocês mesmo, já chegaram até mim trazendo alguma questão familiar, pessoal, financeira (...)

**R.** A gente se sente família aqui, a gente tem essa liberdade para chamar alguém que a gente confia, um professor, para falar o que a gente tá sentindo, ou de pedir uma ajuda.

**PESQUISADORA:** Talvez o curso poderia contribuir com esse processo, né? De repente chegar até mim enquanto indivíduo, não consigo resolver aquela questão (...)

**R.** Mas você enquanto estudante quase formada, dá para passar um apoio para a gente... tranquilizar a gente de alguma forma, porque às vezes, não é dinheiro nem nada de material que a gente ( ), é um abraço em um momento difícil, eu mesma tive um ano bem conturbado na minha vida aí eu ... eu me apoiei muito na B. e ela entrou muito tarde, né? [Educadora ingressou no Cardume no meio do ano letivo]



## Anexo 2

### Modelo do questionário:



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**Campus Baixada Santista**

---

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “Cardume como um cardume: a educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social na Unifesp”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável Maria Luiza de Castro e Sousa através do telefone: (14) 99810-0878 ou através do e-mail [marialuiza.csousa@gmail.com](mailto:marialuiza.csousa@gmail.com).

---

A presente pesquisa é motivada pela busca de uma compreensão da necessidade presente na existência de espaços como o Cardume como transformação da realidade social e como o curso de Serviço Social da Unifesp agrega nesse processo.

O objetivo desse projeto é identificar se o Cardume vem desenvolvendo seu objetivo proposto para os estudantes pertencentes, dentro disso, desenvolver uma articulação com o curso de Serviço Social da Unifesp. Para a coleta de dados será utilizado um questionário com perguntas sobre a sua escolha pelo cursinho Cardume e/ou a participação em um grupo focal para conversarmos sobre o cursinho e como tal vem desenvolvendo seu papel.

Para os participantes da pesquisa existe um possível desconforto relacionado a responder perguntas que não sejam de sua vontade; assim, está assegurado que nenhum participante é obrigado a responder qualquer pergunta que lhe traga desconforto, bem como pode abandonar a pesquisa em qualquer momento, se assim lhe for vontade. Há garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de



recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, bem como garantir a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa.

Aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso a responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, a pesquisadora garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

**Para participantes menores de 18 anos (crianças e adolescentes).**

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_, responsável legal pelo (a) \_\_\_\_\_ autorizo sua participação no estudo intitulado “Cardume como um cardume: a educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social na Unifesp”, desde que o (a) mesmo (a) aceite de forma livre e espontânea, e que possa se retirar a qualquer momento.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_ estou de acordo em participar desta pesquisa acima descrita.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável legal

\_\_\_\_\_

Assinatura do responsável pela pesquisa

**Para participantes maiores de 18 anos:**

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “Cardume como um cardume: a educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social na Unifesp”, de forma livre e espontânea, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Rua Francisco de Castro nº 55, Vila Clementino, CEP 04020-050

São Paulo/SP – Tel: (11) 5571-1062 fax: (11) 5539-7162  
e-mail: cep@unifesp.edu.br

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA ACADÊMICA DIRECIONADO AOS EDUCANDOS DO CURSINHO POPULAR CARDUME**

Todas as questões deste questionário visam à coleta de informações para a realização do trabalho de conclusão de curso intitulado “Cardume como um cardume: a educação popular e as possibilidades de inserção do Serviço Social na Unifesp”, da estudante Maria Luiza de Castro e Sousa, do curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista.

Todos os dados obtidos neste questionário serão obtidos exclusivamente para fim de pesquisa acadêmica; portanto, preencha-o da forma mais completa e verídica possível.

\_\_\_\_\_

**Dados gerais**

Idade: \_\_\_\_\_

Gênero: (        ) masculino (        ) feminino (        ) outro:

\_\_\_\_\_

Raça/Etnia: ( ) preto ( ) branco ( ) pardo ( ) amarelo ( ) outra: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Trabalha? (        ) não (        ) sim Em que cidade?

\_\_\_\_\_

Estado civil:

( ) casado(a)

( ) separado(a)

( ) solteiro(a)

( ) divorciado(a)

( ) mora com companheiro(a)

( ) outro: \_\_\_\_\_

Filhos: ( ) não ( ) sim, Quantos? \_\_\_\_\_

**Sobre o Cursinho Cardume**

Como conheceu o Cursinho Cardume?

( ) Por indicação de ex educandos

( ) Por conhecidos

( ) Pela família

( ) Pela internet

( ) Outros: \_\_\_\_\_

Explique porque você optou pelo Cursinho Cardume:

---

---

---

---

---

**Sobre sua formação educacional no ensino público:**

Como você considera a qualidade do ensino público?

( ) bom ( ) razoável ( ) precário

Como você considera seu aprendizado do conteúdo do Ensino Médio?

( ) bom ( ) razoável ( ) precário

Justifique:

---

---

---

---

---

Você considera que o ensino escolar te proporcionou uma capacidade de desenvolver um pensamento crítico sobre a vida em sociedade? Por quê?

---

---

---

---

---